



Departamento de História

Do Protesto à Revolta: O Euroterrorismo

Rui César Abrantes dos Santos

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em História, Defesa e Relações Internacionais

Orientador

Doutor Francisco Proença Garcia, Tenente-Coronel
Academia Militar

Outubro de 2011

“Toda a gente fala do tempo, nós não...”

Ulrike Meinhoff

Agradecimentos

Gostaria de expressar a minha gratidão a todos aqueles que me ajudaram, ou permitiram de alguma forma completar este projecto, o qual coincidiu com um período algo atribulado a nível pessoal. No entanto, gostaria de evidenciar algumas pessoas, as quais penso terem tido uma importância especial no culminar do mesmo. Assim, gostaria de identificar as pessoas a quem os meus especiais agradecimentos são dirigidos.

Ao meu orientador de projecto, Professor Doutor Francisco Proença Garcia, a quem agradeço a disponibilidade.

A todos os meus professores e colegas de mestrado, a quem expresso os meus cumprimentos e agradecimentos.

À Academia Militar, que me recebeu de extremamente bem.

Ao ISCTE-IUL, pelo tempo lá passado.

A alguns amigos próximos, pelos incentivos e amizade.

Aos meus pais, irmão e restante família próxima, a estes devo muitas coisas especiais, pelos momentos que me concederam e pelo apoio quando a motivação me falhava.

RESUMO

A partir da década de 1970 verificou-se a emergência de uma série de grupos terroristas de extrema esquerda na Europa Ocidental. Estes grupos, que apareceram em primeiro lugar na Alemanha Federal e na Itália, acabaram depois por se expandir a outros países.

O terrorismo de extrema esquerda tem a sua génese nos movimentos de protesto estudantil da década de 1960, os quais foram reflexo de uma década conturbada, no que concerne às mudanças sociais verificadas.

Estes movimentos estudantis foram claramente influenciados pelas doutrinas da nova esquerda, assim como pelos acontecimentos que se verificavam no mundo, nomeadamente as guerras civis na América Latina e a Guerra do Vietname, as quais eram vistas como uma manifestação da vontade imperialista dos Estados Unidos, de quem os estados europeus eram aliados próximos no contexto da NATO.

Os movimentos terroristas de esquerda são uma consequência da radicalização de uma parte desses movimentos estudantis, motivados pela repressão policial a que eram sujeitos, assim como pelo medo exercido pelos fantasmas do fascismo, que assolavam os jovens alemães e italiano.

Aos primeiros movimentos terroristas da Alemanha Ocidental e da Itália vieram a juntar-se outros, vindos tanto das novas democracias da Europa do Sul, como da Bélgica e França. Este emergir de guerrilhas urbanas clandestinas deu origem ao termo euroterrorismo. Os movimentos terroristas de extrema esquerda tiveram o seu momento áureo na década de 1980, tendo desaparecido entre o fim dessa década e o início da década seguinte, restando apenas resquícios da violência armada de raiz esquerdista na Europa, daí para a frente.

Palavras-chave

Esquerda, Europa, Protesto, Terrorismo

ABSTRACT

The 1970's marked the birth of a series of left-wing terrorist groups in Western Europe. These groups, which appeared first in West Germany and Italy, expanded eventually to other European Countries.

European left-wing terrorism has its roots on the student protest movement of the 1960s, which reflected a decade of turmoil, when it comes to the social changes that occurred.

These student movements were clearly inspired by the doctrines of the New Left, as well as by events occurring in the world, among which were Latin Americas civil wars, as well as the Vietnam War both of which were seen as a manifestation of the imperialist the United States, with whom their European states were closely allied under NATO's umbrella.

The left-wing terrorist movements are a consequence of the radicalization of a part of the student movement, motivated by political repression that they were subject, as well as fear exercised by the ghosts of fascism, which ravaged the German and Italian youth.

Other left wing terrorist movements emerged, joining their West German and Italian counterparts, They came both from the new reestablished democracies in Southern Europe as well as Belgium and France, This emergence of clandestine urban guerrillas gave rise to the term euro terrorism, or European red terrorism. Left wing terrorism had its heyday in the 1980s, having disappeared at the end of that decade, or the beginning of next one, leaving only remnants of left wing violent militancy from then on.

Keywords

Europe, Left Wing, Protest, Terrorism

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – A GÊNESE DO TERROR	5
CAPÍTULO II – PROTESTO, RADICALIZAÇÃO E VIOLÊNCIA	13
CAPÍTULO III – O OUTONO ALEMÃO	25
3.1 - Facção do Exército Vermelho	29
3.2 – O movimento 2 de Junho e as Células Revolucionárias	36
CAPÍTULO IV – A ITÁLIA E OS ANOS DE CHUMBO	41
4.1- A formação das Brigadas Vermelhas	43
4.2 – O Terrorismo Difuso	51
CAPÍTULO V – ANOS 80: A DÉCADA DO EUROTERRORISMO	53
5.1 – Uma definição de Euroterrorismo	54
5.2 – A Frente Anti-imperialista	65
5.3 – A cooperação externa	67
5.4 – Um Epílogo	70
CONCLUSÕES	75
BIBLIOGRAFIA	81
ANEXOS	I
ANEXO A	II
ANEXO B	IV
ANEXO C	V
ANEXO D	VI
ANEXO E	VII
ANEXO F	VIII

GLOSSÁRIO

AD - *Action Dirécte* - Acção Directa

BR - *Brigate Rosse* -Brigadas Vermelhas

B2J - *Bewegung 2. Juni* - Movimento 2 de Junho

DEV SOL - Devrimçi Sol -Esquerda Revolucionária

EO17N - *Epanastatiki Organosi Dekaefta Noemvri* – Organização Revolucionária 17 de Novembro

GRAPO - *Grupos Revolucionarios Antifascistas Primer de Octubre* – Grupos Revolucionários Antifascistas Primeiro de Outubro

FP-25 - *Forças Populares 25 de Abril*

RAF- *Rot Armée Fraktion* - Facção do Exército Vermelho

RZ – *Revoluzionäre Zellern* – Células Revolucionárias

INTRODUÇÃO

Questões prévias

O mestrado de História, Defesa e Relações Internacionais permite um amplo leque de escolhas sobre quais recair a elaboração de um trabalho de investigação, dado as 3 disciplinas que, de grosso modo, constituem o espectro abrangido pelo mesmo.

Assim sendo, decidimos optar por um tema que tanto pode ter conotações com a história, a defesa e as relações internacionais, pese embora seja aqui tratado de uma forma de análise histórica mais generalizada, de forma a tentar criar uma visão de grosso modo geral, mas minimamente abrangente sobre o tema.

Do Protesto à Revolta: O Euroterrorismo foca-se no período compreendido entre 1967 e 1990. O estudo foca-se então na emergência de um forte movimento de protesto anti-governamental, de cariz extraparlamentar que aparece nesta altura, o qual acaba por desembocar na formação de movimentos terroristas, que emergem como uma forma de resistência à repressão com que o estado acolhe os protestos.

O movimento nasce em simultâneo em diversos países, mas é na Alemanha Federal e em Itália onde o protesto das organizações extraparlamentares, ditas autonomistas, se transforma mais depressa em terrorismo organizado, o que acontece a partir de 1970. Há que referir que já antes, franjas do movimento de protesto mencionavam a necessidade de legítima defesa, perante governos que viam como repressivos e prepotentes.

Numa segunda fase, depois dos processos de democratização da Europa do Sul, aparecem nestes países movimentos parecidos, sendo que movimentos do mesmo tipo também vêm a aparecer em mais outras duas democracias estabelecidas, França e Bélgica, espalhando ainda mais o número destes movimentos e dando origem ao termo euroterrorismo, o que faz levar ao medo de a formação de uma frente destes movimentos.

Assim sendo, os pontos que este trabalho procura responder concernem a:

- Compreender as motivações da radicalização do protesto estudantil e operário
- Compreender por que razão a Alemanha Federal e a Itália foram muito mais tocadas pelo fenómeno
- Relacionar a passagem para o euroterrorismo

Isto faz-nos à chegar à questão central, o que foi o euroterrorismo?

Como questões daqui resultantes podemos pôr:

-Quais foram os países afectados?

-Quais foram as semelhanças entre os casos?

-Quais foram as especificidades nacionais de cada caso?

-Como é que estes movimentos se relacionaram uns com os outros?

Este é um tema pouco tratado em Portugal, por isso tivemos de fazer uma investigação, tanto bibliográfica, como a nível de referências, que foi focada essencialmente em recursos em outras línguas, que não o português, tendo muitas das obras de ser encomendadas, dadas as limitações encontradas nas bibliotecas portuguesas, no que concerne a este tema.

A metodologia da investigação seguida nesta dissertação é, portanto, essencialmente fundada na consulta de fontes bibliográficas, quer tanto através de obras, como de artigos e sítios na Internet, sendo alguns destes relacionados de muito perto com os diversos movimentos, e representando, de certa forma a opinião dos mesmos. Quisemos encarar o tema de uma perspectiva de uma análise histórica, tendo uma progressão temporal seguida.

Assim, escolhemos dividir este trabalho num conjunto com:

-Introdução, 5 capítulos e Conclusões.

O capítulo 1 trata do problema do conceito do terrorismo, o que é o terrorismo, algo que é uma debate inconclusivo, e partindo esse ponto para introduzir o tema do terrorismo de extrema esquerda, e aquilo que este tipo de terrorismo tem mais específico a si mesmo.

O capítulo 2 foca os movimentos de protesto estudantil na Europa neste período, relacionando-os com o conceito histórico vivido na altura, o qual seria um bom ponto de partida para compreender a questão de tão grande anseio por alterações profundas, a nível social.

O capítulo 3 dedica-se exclusivamente ao caso da Alemanha Federal, e das suas especificidades, introduzindo o início do terrorismo, tanto no seu movimento clandestino mais conhecido, a Facção do Exército Vermelho, um movimento que tinha muito de menos convencional do que se poderia pensar como dando a conhecer os outros movimentos terroristas, ditos de segunda linha, os quais passaram mais despercebidos, mas que também fizeram parte desta década alemã.

O capítulo 4 refere-se ao caso italiano, ao crescendo de violência política vivida na sociedade italiana, a qual acabou por originar o aparecimento das Brigadas Vermelhas, que viriam a ficar tristemente célebres, devido a todas as acções por si cometidas.

O capítulo 5 refere-se aos anos 80, a década do euroterrorismo por excelência, onde diversos movimentos estiveram activos em simultâneo. Este capítulo dedica-se também a estudar as relações entre estes movimentos, assim como as suas relações com movimentos exteriores a eles mesmos. O capítulo 5 tem também um último ponto que funciona como um epílogo, descrevendo o fim do euroterrorismo, assim como aquilo que ocorreu na sua sequência, entrando assim no período imediatamente a seguir ao fim do movimento, de forma a compreender até que ponto este fenómeno terá tido uma continuação.

Na realização deste trabalho, escolhemos utilizar uma metodologia que permitisse dar uma visão mais geral sobre o tema, ao invés de uma especialização excessiva, dado o facto de haver poucas informações em Portugal sobre este tema, desejando assim tentar construir um ponto de partida para a possibilidade de futuras investigações.

CAPÍTULO I A GÊNESE DO TERROR

O terrorismo não é por natureza um conceito novo e é impossível criar uma definição deste tema que seja universal, dadas as diferentes visões do problema, tendo mesmo sido considerado impossível a obtenção de uma definição abrangente pela Organização das Nações Unidas. No entanto, podem-se utilizar diversas definições para o termo terrorismo, como por exemplo a definição empregue pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, a qual diz que: *Terrorismo é a utilização de violência premeditada, politicamente motivada, perpetrada contra agentes não combatentes, por grupos subnacionais, ou agentes clandestinos, usualmente direccionada para captar a atenção do público.* Uma definição mais simples, utilizada pelo dicionário Merriam-Webster: *o uso sistemático do terror, especialmente como meio de coerção.*¹

De acordo com a definição de trabalho de Cindy Combs e Martin Slann², na sua Encyclopedia of Terrorism, qualquer definição operacional do fenómeno terrorismo terá sempre de ser vaga, terá de evitar à partida a questão política, e acabará, essencialmente por se aplicar a uma série de actos, os quais, pese embora as intenções por quais são norteados, teriam sempre de ser classificados como terroristas.

O terrorismo é aqui então definido como *uma síntese entre a guerra e o teatro, uma dramatização da forma mais proscribida de violência, aquela que é perpetrada sobre vítimas inocentes, de forma a instigar num público, um clima de medo, com objectivos políticos.*

Esta definição de terrorismo obriga assim à existência de violência, uma audiência, o clima de medo, a ocorrência de vítimas e a existência de uma motivação ou objectivo político, sendo este conjunto de elementos determinantes para a ocorrência

O terrorismo deve assim ser separado do conceito de guerrilha, o qual se dirige essencialmente contra objectivos militares, dirigindo-se assim contra não combatentes, ou escolhendo vítimas, que mesmo sendo agentes policiais ou militares, estejam normalmente fora de serviço, ou em aquartelamentos, sendo que em muitas circunstâncias estas mesmas vítimas sejam consideradas pelos autores das acções de alguma forma culpadas, ou

¹ <http://www.merriam-webster.com/dictionary/terrorism>

² Combs, Cindy e Martin Slann (2002), *Encyclopedia of Terrorism*, Nova York, Facts On File, Inc.

alternativamente, sejam cidadãos que devam ser atingidos, de forma a criar um sentimento de insegurança na opinião pública. Em algumas circunstâncias, o terrorismo também visou ou visa alvos militares, pese embora estes alvos sejam muitas vezes estruturas físicas administrativas, como bases ou outros aquartelamentos, de forma a causar o máximo possível de danos, quer humanos, quer materiais, os quais se devem às circunstâncias concretas do conflito em questão.

Assim, qualquer definição de terrorismo terá de ser obrigatoriamente vaga, dado que qualquer definição de terrorismo ou terrorista nunca será universalmente aceite, sendo muitas vezes o termo utilizado com objectivos políticos. Assim, muitos movimentos de guerrilha, ou de resistência à ocupação nazi eram classificados como terroristas, mesmo se a história acabou por os classificar de outra forma.

Um outro exemplo que pode ser perfeitamente utilizado para descrever o quão vaga deve ser uma definição de terrorismo é aquele que resulta da acção dos diversos movimentos de libertação contra os poderes coloniais, muitas vezes classificados de terroristas pelos poderes colonialistas e seus aliados, mas que do lado desses movimentos e dos seus apoiantes nacionais e internacionais se viam como movimentos de libertação, pese embora as acções por eles desenvolvidas poderem em si mesmas ser classificadas como terroristas.

Outro exemplo do mesmo tipo seriam os movimentos clandestinos ou semiclandestinos, muitas vezes com ligações a partidos políticos que lutavam ou lutam contra regimes autoritários, e as acções empreendidas por estes movimentos, de forma a perpetrarem acções visíveis ao público, em sociedades onde muitas vezes o acesso à informação era ou é restringido.

Aliás, de acordo com John Andrade³, podem-se definir os Zelotas como o primeiro movimento terrorista da história. Este movimento era uma espécie de sociedade secreta que se opunha à ocupação romana da Palestina assassinando soldados e administradores romanos, através da utilização de apunhalamentos. Este movimento foi também o primeiro a utilizar os raptos de negociantes, como forma de conseguir resgates, de maneira a financiar as suas acções.

Outros exemplos históricos que podem ser classificados como terrorismo são o Terror jacobino na Revolução Francesa, a supressão da comuna de Paris, o Niilismo russo, os movimentos independentistas irlandês e mesmo o pan-eslavismo antes da Iª Guerra Mundial,

³ Andrade, John, (1999) *Acção Directa: Dicionário de Terrorismos e Activismos Políticos*, Lisboa, Huguin

cujas causa próxima, o assassinato do Arquiduque Francisco Fernando, herdeiro da coroa Austro-Húngara, acto perpetrado por um estudante, de seu nome Gavrilo Princip, membro de um grupos nacionalista sérvio, foi em si mesmo um atentado terrorista.

Muitos elementos da ocupação alemã na II Guerra Mundial, especialmente as acções empreendidas contra os judeus são claramente passíveis da classificação de terroristas, assim como alguns dos movimentos independentistas no pós-guerra, como por exemplo os *Mau-Mau*, do Quénia, ou os *Khmer Rouge*, do Camboja.

A procura de meios de financiamento para as actividades destes movimentos levou a que os mesmos se especializassem em assaltos e bancos e raptos, à procura de resgates, de forma a financiar as acções contra os alvos que eram vistos como o inimigo por parte dos mesmos. Isto era algo que já era utilizado pelos zelotas e voltou a sê-lo por muitos movimentos ditos terroristas que apareceram depois, especialmente aqueles que vieram a aparecer depois da IIª Guerra Mundial, e que são o objecto de estudo deste trabalho.

Há que procurar também conhecer as motivações dos terroristas, aquilo que os leva a revoltarem-se de forma tão exacerbada contra um país, organização internacional, ou modelo político e ideológico, nomeadamente, no terrorismo político em sociedades democráticas, seja ele de esquerda ou de direita.

De acordo com Walter Lacqueur⁴ estes podem ser claramente comparáveis, diferindo apenas nos períodos, uns entre as duas guerras mundiais, os outros após a II Guerra Mundial, e onde, em ambos os casos, o ponto de partida acaba por se encontrar em atitudes de activismo que fluem livremente, e que são fortes no carácter e na crença, mas vagos e confusos.

Em ambos os casos, o aparecimento destes fenómenos acaba por se dar quando essa mesma crença é explorada a fundo, e onde existe uma certa base que mistura algum populismo com alguns elementos de nacionalismo.

Como forma de combater a descoberta dos seus planos por parte das autoridades, a generalidade dos movimentos terroristas aprendeu a organizar-se numa estrutura de células⁵, cada uma das quais constituída por poucos elementos, no mínimo 3, algo baseado no velho conceito soviético da troika, em que na maioria dos acasos, apenas alguns elementos das

⁴ Dartnell, Michael Y.(1995) *Action Directe: Ultra-left wing terrorism in France 1979-1987*, Montreal

⁵ Andrade, John, (1999) *Acção Directa: Dicionário de Terrorismos e Activismos Políticos*, Lisboa, Huguin

células conheciam elementos de outras células, permitindo assim dificultar a infiltração nas mesmas. Há que convir que apenas partes das células são de facto operacionais, sendo outras logísticas, e existindo mesmo células que estão inactivas, ficando à espera de serem activadas quando necessárias para cumprirem os seus objectivos.

Um outro modelo muitas vezes existente é o modelo de resistência descentralizado, o conceito da resistência sem chefes (leaderless resistance), no qual, embora existindo um comando central, é permitida a existência de uma enorme autonomia das unidades operacionais, o que embora dificultando a coordenação, permite uma muito maior imunidade à infiltração por parte das forças policiais, militares e serviços de informação/contra-informação, o que obriga sempre ao recurso a informadores, ou arrependidos, de forma a conseguir ter acesso, e sempre que possível, dismantlar as células terroristas.

Há que referir que a quase totalidade dos movimentos terroristas não se definem a si mesmo como terroristas, mas sim como movimentos de resistência armada, de combate contra a tirania ou a opressão, independentemente de serem movimentos de cariz político, independentista ou religioso.

O terrorismo pode ser dividido em diversas vertentes, como por exemplo terrorismo de estado, aquele que é perpetrado pelo estado contra os seus próprios cidadãos, sendo o período do terror, durante a liderança jacobina de França, após a Revolução Francesa, servindo como o primeiro grande exemplo prático. É preciso ter em conta que a noção moderna de terror nasce com a revolução francesa e a aplicação prática anteriormente teorizada por Maquiavel, na sua obra *O Príncipe*, e que, no fundo, acaba por ser um extremar da concepção de Razão de Estado. Outros exemplos práticos de terrorismo de estado seriam parte dos actos perpetrados pela Alemanha Nazi, durante a IIª Guerra Mundial, ou o domínio dos Khmer Rouge no Camboja.

O terrorismo étnico e religioso pressupõe a existência de actos organizados por uma religião ou etnia, contra outros, exercendo violência, de forma a atingir determinados fins, algumas vezes com raízes autonomistas e outras não. Alguns casos menos conhecidos, onde esta tipologia poderia ser aplicada são o caso da minoria Tamil, no Sri Lanka, ou os massacres étnicos no Ruanda e Burundi, os quais se propagaram, em menor escala, à República Democrática do Congo.

Para a existência de terrorismo em sociedades democráticas, ou ditas democráticas, as falhas no acesso à democracia acabam por se tornar especialmente importantes no caso europeu, pois estas eram, muitas vezes, uma das reivindicações dos movimentos terroristas, e

acabam conjuntamente com questões históricas por ser determinantes no aparecimento, e consequente desenvolvimento dos movimentos terroristas.

Na década de 1970, o terrorismo tornou-se um fenómeno importante na Europa, tendo a partir daí começado as manifestações terroristas a ocorrerem de forma mais ao menos constante, espalhando-se por diferentes países e, assumindo diferentes dimensões, quer ao nível de atentados mais sangrentos, quer ao nível de outras acções de violência política, como assaltos a bancos, de forma a financiar a luta, assim como por fogos postos e outras acções, que embora sendo tanto de menor envergadura, como menos mediáticas, fizeram também parte da luta que todos estes movimentos levaram a cabo contra os estados ou instituições.

Portanto, podem-se dividir os diferentes grupos terroristas existentes na Europa em diversos subtipos, os quais se vieram a desenvolver pela década seguinte, em certas circunstâncias, colaborando com parte dos outros, sendo que noutras, os mesmos agiram de forma autónoma, seguindo objectivos diferentes. Aliás, uma das grandes questões que se podem pôr quando se estuda o fenómeno terrorista na Europa Ocidental refere-se à criação de tipologias, que agrupem os diversos casos existentes.

Assim, pode-se referir que os três principais tipos de movimentos terroristas que emergiram neste período foram, os movimentos terroristas palestinianos, sendo que, de entre as diferentes facções que faziam parte da Organização de Libertação da Palestina (OLP), a Frente Popular de Libertação da Palestina (FPLP) foi aquela que mais atentados perpetrrou em espaço europeu, actuando contra interesses israelitas, através de ataques utilizando granadas de mão contra representações diplomáticas israelitas, assim como contra outros interesses do estado judaico, ou utilizando a linguagem destes mesmos movimentos, contra interesses sionistas.

Foi também em sequência da emergência destes movimentos que se começaram a utilizar como os sequestros e consequente desvios de aviões comerciais como forma de luta. A FPLP chegou mesmo, em 1970, a desviar quatro aviões em simultâneo, numa operação que trouxe fama à terrorista *Leila Khaled*.

Em virtude dos acontecimentos desse dia 6 de Setembro, no qual 3 das aeronaves foram desviadas para a Jordânia, onde a organização os fez explodir, algo que criou um enorme impacto na imprensa internacional.

Isto levou também a que o governo jordano se incompatibilizasse com a OLP, expulsando a organização do país, tendo em virtude disto surgido outro grupo de seu nome Setembro

Negro, o qual foi responsável pelo famoso massacre da equipa olímpica israelita, nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, a qual acabou no tiroteio no aeródromo de *Fürstenfeldbruck*.

Além destes, neste período deu-se também uma ressurgência de movimentos independentistas, dos quais os mais famosos ocorreram na Irlanda do Norte, através do Exército Republicano Irlandês (IRA), e das suas facções, das quais o IRA oficial e o IRA provisório, normalmente conhecido por *Provos*, eram as duas facções mais importantes, aos quais se vieram a opor diversas organizações clandestinas, normalmente conhecidas como movimentos lealistas, os quais também se poderiam classificar como organizações de índole terrorista.

O outro grupo independentista importante, o qual ainda se encontra activo, é a Liberdade para a Pátria Basca (ETA), o qual levou a cabo uma guerra contra o governo espanhol, e em menor escala, contra o governo francês, procurando a autodeterminação de um País Basco, o qual incluiria também território francês, pese embora a maioria das acções e apoio da ETA se concentrassem do lado espanhol.

Além destes, existiram também alguns movimentos menos conhecidos como a *Tierra Lluire* - Terra Livre, da Catalunha, que se dedicou a pequenas sabotagens, assim como a incêndios, e a Frente Nacional de Libertação da Córsega (FNLC)⁶, movimento que também realizou algumas acções, nas quais se incluíram atentados e também assaltos a bancos, tendo, no entanto, a importância destes organizações sido bastante menor que a ETA e o IRA.

O terceiro tipo de organizações terroristas que vieram a aparecer neste período foram as organizações terroristas de extrema-esquerda, que são o objecto desta investigação. Estes movimentos proliferaram em diversos países e, ao contrário das anteriores, eram unidos por motivações de índole política.

Estes movimentos foram nomeadamente conhecidos por levarem a cabo uma luta contra os governos dos respectivos países, assim como contra os poderes instituídos, sendo a NATO, os Estados Unidos da América, e a ordem capitalista e imperialista internacional vistos como os grandes inimigos destas organizações.

O terrorismo de raiz esquerdista afectou a Europa especialmente nas décadas de 1970 e 1980, acabando por se desvanecer na sua maioria na década seguinte, este tem as suas raízes nas novas revisões existentes na década de 1960, tanto nas teorias marxistas, as quais vêm a redescobrir e a visitar Marx, vindo a surgir novas interpretações sobre a teoria marxista.

⁶ Andrade, John, Acção Directa: Dicionário de Terrorismos e Activismos Políticos.

Outra teoria a ser claramente revisitada neste período foi o anarquismo, o qual voltou a conhecer um novo crescimento, fruto de toda uma nova atitude de protesto, que nasce essencialmente nos meios universitários, consequência de uma nova existência de bem-estar.

Para além disso, a década de 1960 ficou marcada pelos protestos dos jovens, que trouxeram uma nova atitude de rebeldia, a qual veio a desafiar a autoridade e as estruturas vigentes, pondo em questão uma sociedade que era vista pelos mais jovens como conformista, que se havia rendido ao consumismo, e onde os tradicionais aliados da revolução proletária, nomeadamente os sindicatos e, em menor escala os partidos comunistas tradicionais haviam sido manietados pelo regime vigente, tendo acabado por aceitar as regras do jogo.

A década de 60 foi também marcada pelas guerras de libertação nacional, assim como os movimentos de guerrilha urbana na América Latina, nomeadamente os *Tupumaros*, do Uruguai, que tomavam o nome do lendário resistente inca Tupac Amaru, assim como pelas guerrilhas esquerdistas, nomeadamente de inspiração guevarista, que deram origem à teoria do Foquismo, vinda de Che Guevara, e desenvolvida por Régis Debray, e que defendia a adaptação de revolução às circunstâncias da luta.⁷

O Foquismo partia da ideia central do foco, a qual defendia a revolução mundial, através da criação de uma série de focos locais, as quais lutariam *Ad aeternum* até à realização do objectivo da revolução à escala planetária.⁸

As juventudes universitárias esquerdistas descobriram assim um conjunto de novos ídolos, desde Che Guevara, passando por Trostsky, e todos os novos marxistas, mas também considerando os movimentos de libertação nacional, os quais foram muito importantes nesta altura, e que eram vistos como resistentes ao imperialismo ocidental.

O terrorismo de esquerda na Europa acabou também por ser bastante forte nos países do sudoeste e sudeste europeu, que haviam transitado de regimes autoritários de direita para democracias e onde esse processo ainda se encontrava em progressão, aquando da emergência destes movimentos, que muitas vezes tinham as suas raízes em movimentos activistas anteriores.

Aliás, os casos das transições democráticas acarretam consigo algumas características muito específicas, as quais têm a ver com questões vindas dos casos específicos de Espanha,

⁷ Debray, Régis (1967) *A Revolução na revolução*, Havana.

⁸ Andrade, John, (1999) *Acção Directa: Dicionário de Terrorismos e Activismos Políticos*, Lisboa, Huguin.

Grécia, Portugal e Turquia, país que, embora sendo apenas parcialmente europeu, acaba por ser aqui tratado como parte da Europa pela afinidade que demonstrou com o bloco ocidental, sendo assim considerado dado ser inclusivamente membro da NATO.

No entanto, os dois casos onde estes movimentos mais sobressaíram foram a República Federal da Alemanha e a Itália, onde o processo começou mais cedo, mesmo no final da década de 60, e onde a ligação directa a movimentos sociais massificados de origem estudantil foi mais visível.

Nestes dois casos, o número de acções empreendidas e a existência em determinado momento de mais do que um movimento em simultâneo, faz com que sejam os grandes casos de estudo, quando o objectivo é estudar estes movimentos na Europa.

O terrorismo de esquerda, que na maioria dos casos proveio de estruturas activistas pré-existentes, também afectou democracias estabelecidas, onde apenas tinha existido um regime autoritário durante a ocupação alemã, casos da Bélgica e da França, mesmo se se considerar que o mais significativo acontecimento relacionado com o movimento estudantil na Europa ocorreu em França, tendo ficado famoso como o Maio de 1968.

Até na Grã-Bretanha, considerada a pátria do parlamentarismo, existiu também um pequeno e efémero movimento, de teor anarquista, conhecido como *Angry Brigade*. Este movimento, que nunca chegou a tornar-se importante a nenhum nível, dada a sua efémera existência, acabou de certa forma, por ser quase um precursor do que se viria a suceder na década de 1980.

O terrorismo de esquerda na Europa nunca foi um fenómeno que envolvesse um enorme número de vítimas, ou que fosse localizado numa determinada área geográfica, como acontecia com os grupos independentistas. Aliás, a certa altura do seu percurso, este fenómeno conseguiu mesmo atravessar as fronteiras nacionais, tornando-se, de certa forma, um fenómeno histórico de luta contra o conformismo.

CAPÍTULO II PROTESTO, RADICALIZAÇÃO E VIOLÊNCIA

A década de 1950 é um período marcado pelo crescimento económico do Pós IIª Guerra Mundial, claramente impulsionado pelo plano Marshall, e pelas longas jornadas de trabalho dos europeus, imbuídos de um espírito adicional de reconstrução nacional, e de deixarem para trás as dificuldades resultantes do grande conflito anterior. Esta década ficou marcada também pelas longas jornadas de trabalho, necessárias à reconstrução, que começaram a reencaminhar a Europa no caminho da prosperidade.

No entanto, havia também uma motivação política por de trás do Plano Marshall, que passava por estancar os avanços do comunismo, o que acabou por ajudar à instauração dos estados providência na Europa Ocidental, os quais foram tanto consequência das lutas dos trabalhadores por mais direitos laborais e sociais.

No entanto, estes novos estados sociais também foram um meio para desencorajar o voto nos Partidos Comunistas, os quais eram particularmente fortes na Itália e na França no pós-guerra, chegando a existir mesmo um forte receio da chegada destes partidos ao poder, tanto em certos sectores nacionais dos respectivos países, assim como em países aliados, nomeadamente os Estados Unidos da América e o Reino Unido.

A década de 50 foi também uma década de estabilidade política e da chegada a grandes consensos sempre que necessário, consensos esses que deixavam os partidos comunistas sempre de fora, os quais haviam se ter tornar de certa forma proscritos do poder, o que acabaria por levar esses partidos a uma reflexão interna, que os viria futuramente a afastar da linha de Moscovo e à criação de uma forma mais própria de integração no sistema político.

Este consenso acabou de certa forma por levar a uma espécie de revolução conservadora, a qual tentou uma estratégia aglutinadora, que acabou por resultar em vários governos de coligação entre partidos conservadores/democratas cristãos e partidos sociais-democráticos/socialistas, e que os partidos de centro-esquerda governassem de forma claramente afastada aos partidos comunistas, com excepção da República Federal da Alemanha, onde o Partido Comunista havia sido proibido, fruto do possível apoio deste à República Democrática Alemã. As relações com países que reconheciam a RDA foram também bastante limitadas, com excepção da União Soviética, algo que ficou conhecido como *Doutrina Hallstein*.

Este consenso vem marcar também a nascença das organizações europeias, como o Conselho da Europa, depois a CECA (Comunidade Europeia do Carvão e do Aço), que após o Tratado de Roma (1957) veio a dar origem à CEE (Comunidade Económica Europeia).

Para além disso, a Europa Ocidental contava também com a existência da NATO, aumentada com a remilitarização da Alemanha Federal, e também com a presença de bases militares americanas, sendo estavam estacionados bastantes milhares de militares americanos em bases na Alemanha Ocidental, Bélgica, Holanda, Reino Unido, e França, até esta se ter retirado da estrutura militar da NATO, tendo sido retirados os militares estrangeiros do seu território.

A Europa entra assim na década de 1960, apresentando um conjunto de economias, onde já se demonstravam claros sinais de grande recuperação do conflito mundial, sendo que alguns conflitos sociais que haviam ocorrido durante a década anterior, haviam acabado por ser, na sua grande maioria, ultrapassados. O perigo de uma chegada dos Partido Comunistas ao poder, por via eleitoral, foi praticamente afastada, pese embora o facto de este se manter muito forte em Itália e em, menor escala, em França.

Assim, pode-se considerar que, na década de 1960, a Europa atinge uma nova prosperidade, consequência da recuperação económica verificada após a IIª Guerra Mundial, a qual permite a uma geração o acesso a um nível de vida, assim como de conhecimento, que não era permitido às gerações anteriores, fruto do estabelecimento na Europa Ocidental, de uma classe média muito mais pujante.

Em simultâneo, na Europa do Sul, vivia-se sob regimes autoritários, nos casos de Espanha e Portugal, desde antes da IIª Guerra Mundial, sendo ainda que em 1967, a Grécia sofreu um golpe de estado militar, dando origem a uma ditadura, conhecida como a Ditadura dos Coronéis, que empreendeu uma política de repressão, nomeadamente contra os estudantes universitários.

No caso da Turquia, uma democracia frágil sofreu uma sucessão de golpes militares, que também causaram repressão, e insurreições. No entanto, todos estes países foram-se alinhando com os Estados Unidos, e o resto do ocidente, tendo mesmo aderido à NATO, sendo consideradas como parte do mundo livre, neste período marcado pela competição entre o bloco ocidental e o bloco de leste, marcado pelo domínio soviético, e que preconizava um modelo político alternativo.

Nesta altura, as economias mais desenvolvidas começaram a recrutar os excessos de mão de obra na Europa do Sul, tendo assim muitos portugueses, espanhóis, gregos, turcos e

italianos do sul emigrado em direcção à Alemanha Federal, França ou países do Benelux, em busca de uma vida melhor. Também há que referir que no caso italiano também se verificou uma forte migração interna, vinda do sul, pouco desenvolvido, em direcção ao norte, onde se encontrava a parte mais forte da infra-estrutura industrial do país.

Em muitos casos, os cidadãos dos países tentavam fugir às profissões mais duras, e subir na escala social, dado que a mão de obra emigrante ajudava a suprir as necessidades de mão de obra menos qualificada e pior paga. As novas classes médias saíam assim fortalecidas, e mais capazes de aceder a um conjunto de bens, como melhores habitações, automóveis, aparelhos de televisão, que se vulgarizaram cada vez mais, consequência da explosão no campo das telecomunicações que ocorreu após a guerra.

Isto levou a que muito mais jovens conseguissem aceder ao ensino superior, que havia sido anteriormente muito mais limitado às elites, o que levou à génese de uma série de novos debates e discussões, parte das quais punham em questão a falta de espaço e de condições existentes para a quantidade de alunos, assim como os apoios recebidos por estes. A isto, juntava-se o conservadorismo vigente nas universidades de altura, as quais eram acusadas de serem quase escolásticas, algo que entrava em choque com a vontade de mudança, preterida pela nova geração.

Esta década acaba portanto por ser marcada pela emergência de uma nova consciência, a qual aparece de forma particularmente acentuada entre os meios universitários, a qual levou ao emergir de uma nova série de questões, como resposta ao conjunto de novos problemas que esta década veio a pôr.

Nos anos 60, dá-se uma revolução de cariz tanto sexual como cultural, fruto da massificação dos meios de comunicação, os quais ajudam a espalhar as novas ideias, levando a muitos lares as manifestações, os festivais de música, e as novas manifestações culturais de massas. As imagens do amor livre, dos apelos à paz, marcam o imaginário de qualquer cidadão que investigue o período em questão.

Esta década foi também marcada pela questão do amor livre, do aparecimento em massa das drogas, das experiências com modelos de vida alternativos, como por exemplo as comunas de estudantes ou trabalhadores, onde se praticava uma vida não convencional, ou as comunidades hippies, sendo Amesterdão o centro europeu das formas de vida alternativas.

Os jovens acabavam assim por ver as gerações anteriores como conformadas, adaptadas a um sistema consumista, o qual havia descoberto uma forma de providenciar uma série de bens, tentando assim aplacar a vontade revolucionária dos cidadãos, especialmente das

classes trabalhadoras, uma espécie suave de manipulação, visto pelo prisma de um estudante da altura.

Esta década foi muito marcada pela questão do imperialismo, ou a forma como o ocidente era visto como sendo imperialista relativamente às sociedades do dito terceiro mundo. As guerras de libertação nacional eram um exemplo típico disso, assim como a intervenção americana no Vietname, para além de outras contínuas ingerências dos Estados Unidos nos assuntos internos de outros estados, tendo como objectivo a satisfação de determinadas políticas.

A guerra do Vietname foi assim um ponto muito importante de discórdia neste período, sendo vista por muitos estudantes como a luta de um pequeno país contra um opressor imperialista gigante. A disparidade de meios entre os dois lados beligerantes ainda ajudava a alimentar a questão, pese embora o facto de que o Vietname do Norte fosse apoiado pela União Soviética e pela China.

Tal como o conflito do Vietname, as guerras de libertação nacional, que ainda prosseguiram nalguns pontos, nomeadamente as guerras coloniais portuguesas, assim como os conflitos na América Latina, que opunham guerrilhas esquerdistas a regimes autoritários militares, normalmente apoiados pelos Estados Unidos, e que fizeram mais uma vez criar o paralelismo de uma luta de David contra Golias.

Uma das consequências destes conflitos foi a emergência de um fortíssimo movimento pacifista, que veio a promover enormes manifestações de ambos os lados do Atlântico, contra o envolvimento em conflitos militares, e que também veio a servir como alavanca para as questões da emancipação das mulheres e do movimento ecologista.

Aliás, no panteão dos novos heróis das juventudes estudantis estava o revolucionário argentino Ernesto Che Guevara, assim como os Tupumaros, do Uruguai, ou a guerrilha organizada no Brasil, liderada por Carlos Marighella, muito bem vistos na Europa pelos intelectuais marxistas.

A estes juntou-se a *Revolução Cultural Chinesa*, a qual também marcou muito as juventudes estudantis, nomeadamente nos casos mais clandestinos da Europa do Sul, chegando as organizações maoístas a ter bastante poder, especialmente em Portugal e Espanha, onde fizeram parte importante da oposição estudantil na clandestinidade.

O ano de 1967 marca o momento em que o movimento estudantil começa a ganhar força e a juntar-se em movimentos organizados, os quais começam a empreender acções de protesto, as quais são recebidas por repressão policial. O movimento de protesto estudantil

começa a parecer-se com uma oposição ao consenso, ou pelo menos, como uma carta fora do baralho, que se opõe às políticas oficiais dos estados.

Os protestos alastraram bastante depressa pela maioria dos países europeus, começando nas novas escolas de ciências sociais, onde muitos destes assuntos eram temas de debate no dia a dia e onde se verificaram parte dos primeiros grandes focos da massificação da revolta estudantil. Revolta que já tinha registado pequenos focos anteriores, primeiro nos Estados Unidos, especialmente na Universidade de Berkeley, e alastrando-se depois à Europa.

Entre as universidades europeias mais activas neste processo estão a Universidade Livre de Berlim, a Universidade de Paris ou a London School of Economics, tendo também chegado a alastrar-se ao ensino secundário, como aconteceu com o caso do Liceu Parini, em Milão⁹.

As razões para esta onda de protestos universitários são de diversas ordens, quer políticas, quer sociais. Do ponto de vista meramente social, a aumento brutal no número de estudantes universitários, que por exemplo, em Itália, passaram de 212.000 alunos inscritos, no ano lectivo de 1956-57, para 425.000 inscritos dez anos depois¹⁰, ou de 175.000 em 1957-58 para 500.000 em 1967-68¹¹, no caso francês, fez com que as próprias condições dentro das universidades se degradassem, havendo poucos lugares para tantos alunos, e verificando-se um choque entre uma instituição tradicionalmente elitista, e uma nova geração massificada de alunos.

Isto também gerou um conjunto de protestos, que passavam pela ocupação das escolas, greves às aulas, protestos em que os alunos ocupavam determinados espaços e se sentavam em massa¹², nomeadamente em espaços públicos, de forma a mostrar o seu desagrado, para além das leis do ensino superior, que eram vistas pelos alunos como contrárias aos seus interesses.

Dois novos fenómenos que apareceram associados ao movimento estudantil nesta altura foram, respectivamente, a Nova Esquerda e os novos movimentos sociais, que podem, de certa forma, ser diferenciados.¹³

⁹ Montanelli, Indro e Mario Cervi (1991) *L'Italia degli anni di piombo*, Milão, RCS Libri

¹⁰ Idem

¹¹ Dartnell, Michael Y., (1995) *Action Dirécte: Ultra-left wing terrorism in France 1979-1987*, Londres, Frank Cass

¹² Della Porta, Donatella (1995) *Social Movements, Political Violence and the State: A comparative analysis of Italy and Germany*, Cambridge, Cambridge University Press

¹³ Idem

Assim, pode considerar-se a Nova Esquerda como sendo próxima da tradicional visão socialista, mesmo que adaptada e alterada de forma a adaptar-se a novas condições e juntando novas ideias, enquanto que os Novos Movimentos Sociais preconizavam uma crítica libertária ao tradicional modelo burocrático. A nova esquerda, de forma geral, dava mais importância à ideia da democracia participativa, ao invés dos Novos Movimentos Sociais, que sempre puseram um enfoque maior na ideia de justiça social

Herbert Kitschelt formulou o termo de Esquerdistas-libertários¹⁴ para definir todos estes movimentos, tendo em conta os muitos elementos que eles tinham e têm em comum, fazendo sentido estudá-los como corpos mais ao menos comuns, pese em conta essa análise necessitar sempre de incluir as especificidades de cada caso.

A nova esquerda e os novos movimentos sociais distinguiam-se da velha esquerda, ou esquerda tradicional, tanto comunista, como social-democrata e socialista, por estar menos ligada ao sistema político vigente, para além da sua defesa das novas ideias existentes, fora do sistema político tradicional.

Pode-se portanto dizer que as universidades funcionavam nesta década, como fermento das novas ideias, das experiências com drogas, e como espaço de discussão de uma nova geração, que como símbolo de rebeldia, via os homens usarem cabelo comprido e barba, para além das calças de ganga, criando uma imagem que era cada vez mais transmitida para outros sectores da juventude.

A juventude universitária sentia-se, ou pelo menos uma grande franja desta juventude, como sem voz, fazendo parte de instituições que eram dirigidas de uma forma arcaica, e onde até já parte dos professores, nomeadamente aqueles de orientação mais próxima do marxismo, os apoiavam.

Analisando especificamente os casos dos três países mais afectados pelos protestos estudantis, França, Alemanha Federal e Itália, sendo que nestes dois últimos acabou por existir uma correlação directa e quase imediata entre os protestos e a passagem para a violência, verifica-se que os estudantes eram claramente o elemento fora do consenso político, sendo postos à parte, simultaneamente, tanto por vontade própria, como pelas condicionantes encontradas.

Fazendo uma análise da situação política de cada um destes países, verifica-se a existência de conjunturas muito específicas, a 5ª República, em França, um sistema

¹⁴ Della Porta, pp. 24

presidencialista, feito à imagem do General De Gaulle, o qual garantia uma estabilidade governativa, sendo esta de certa forma, feita à custa do acesso dos cidadãos ao sistema.

O sistema constitucional da 5ª República, que acabou com a supremacia parlamentar, a qual era vista pelo general e os seus aliados políticos, devido à história do país. As condicionantes específicas mantiveram a esquerda fora do poder por muitos anos, em parte pelo carisma do general, e em parte, pela actuação da esquerda durante a 4ª República, nomeadamente na questão da Argélia.

Pode-se considerar França como sendo a pátria do protesto político, no sentido moderno do termo. Isto é algo que é claramente influenciada pela tradição do *Gauchisme*, a versão francesa da nova esquerda, uma espécie de extrema-esquerda extraparlamentar e não conformista, que se recusava a aceitar as formas tradicionais de hierarquia e organização, e que mantinha um grande foco nas novas questões sociais¹⁵. O *Gauchisme* advogava a acção directa e a violência em resposta à repressão policial às manifestações, algo que ocorreu após os famosos episódios de Maio de 1968, onde uma série de greves e manifestações vindas primeiramente dos meios universitários, que se propagaram por outros sectores da sociedade abalaram o país, sem existir à primeira vista uma grande explicação, e que obrigaram mesmo o General De Gaulle a voar para a Alemanha Federal, de forma a garantir a lealdade do exército, em caso de um emergência.

Os episódios do Maio de 1968 acabaram por se propagar mais cedo ou mais tarde ao resto da Europa, mesmo aos países sob regimes autoritários, criando uma onda de choque que abalou o continente. No entanto, em França, não se registaram incidentes de maior, no sentido da escalada do fenómeno na direcção de partida para a violência organizada.

Nos casos da Alemanha Federal e de Itália, onde a onda de protestos já havia começado antes, pese embora numa escala menos global, a radicalização levou à violência política organizada, e consequentemente, ao terrorismo de uma forma quase natural, numa espécie de progressão em direcção à radicalização da revolta. Porquê nestes dois países? E que condicionantes levaram essa progressão para o caminho da violência muito mais acentuada?

No caso da Alemanha Federal, este período foi marcado pela existência do chamado governo da Grande Coligação, que incluía os Democrata-Cristãos da CDU e os Social-Democratas do SPD, numa grande coligação, sob a chefia do Chanceler Konrad Adenauer, e que englobava mais de 90 por cento do Bundestag, o parlamento federal alemão, levando a

¹⁵ Dartnell, Michael Y., (1995) *Action Dirécte: Ultra-left wing terrorism in France 1979-1987*, Londres, Frank Cass

que muitos alemães se perguntassem pela legitimidade democrática do mesmo parlamento. As discussões nos fóruns universitários sobre este tema eram imensas, e alguns professores vieram a pôr-se mesmo do lado de muito alunos que protestavam contra isto.

A geração universitária da Alemanha Federal neste momento em particular era formada por aqueles que podiam ser chamados dos filhos de Hitler, que haviam nascido no final da guerra, ou imediatamente a seguir, e que não compreendiam de forma nenhuma como os seus pais haviam permitido a chegada do Partido Nazi ao poder, assim como os actos que Hitler levou os seus cidadãos a praticar¹⁶, os quais levaram a acontecimentos sobejamente conhecidos, nomeadamente a IIª Guerra Mundial, que se veio a tornar no conflito, na história da humanidade, onde mais pessoas vieram a perder a vida.

Na situação política da altura, os estudantes criaram os seus próprios movimentos, alguns que já vinha de trás, como a SDS (Sociedade dos Estudantes Socialistas), que havia estado próxima do SPD, mas que depois se radicalizou e afastou, assim como a APO (Oposição Extra Parlamentar), de onde surgiram nomes importantes do movimento estudantil alemão, como Rudi Dutschke, e que foi um dos grandes movimentos impulsionadores dos protestos estudantis, e do movimento associativo, sendo o mais admirado dos diversos líderes estudantis alemães.

O governo alemão decidiu reagir aos protestos com um apertar das leis de segurança, assim como através de uma maior repressão policial às manifestações, o que levou os estudantes a protestarem contra um estado, o qual estava a mostrar as suas tendências fascistas latentes, uma espécie de resquícios organizados do nazismo.

No caso italiano, a hegemonia política também existia, sendo aqui a Democracia Cristã (DC), que havia ganho as primeiras eleições a seguir à guerra, numa grande batalha eleitoral, contra os comunistas do PCI. A DC acabou por se manter no poder desde aí, em diversas coligações, uma das quais chegou, na década de 50, a incluir os Neofascistas do Movimento Social Italiano (MSI), passando depois a ter como parceiros de coligação os Partidos Liberal e Socialista.

A Itália era um país extremamente politizado e polarizado nesta altura, mesmo a nível estudantil, onde existiam fortes movimentos que apoiavam um dos lados, havendo

¹⁶ Elias, Norbert,(1996) *The Germans*, Oxford, Blackwell Publishers

frequentes batalhas campais entre ambos¹⁷. Para além disso, parte das estruturas do estado encontravam-se altamente influenciadas por quadros herdados do anterior regime fascista, havendo inclusive a Gladio, organização secreta ligada aos serviços de informação, e que era uma espécie de núcleo anticomunista dentro do estado¹⁸, havendo sido formada logo a seguir à guerra, de forma a organizar resistência anticomunista, no caso de uma chegada comunista ao poder, ou de uma hipotética invasão soviética.

Para além disto, existia também a loja maçónica Propaganda Due (P2), próxima dos mesmos objectivos, e que tentou a certo ponto, organizar um golpe de estado de direita, de forma a estancar os protestos, tanto laborais como estudantis, numa altura onde o país atravessava uma certa instabilidade, com a existência de greve, por parte dos empregados da fábricas do norte do país, onde elementos activistas e autonomistas haviam conseguido penetrar nas estruturas laborais.

Ao contrário da Alemanha Federal, onde o Partido Comunista havia sido banido, dado o receio de tal partido, a existir, poder apoiar a Alemanha de Leste, que o governo de Bona se recusava a reconhecer, seguindo a Doutrina Hallstein, em Itália, o PCI era um partido bastante forte a nível eleitoral, pese embora a adaptação crescente deste partido ao sistema político e o seu maior afastamento de Moscovo, o que levou aliás o PCI a juntar-se à maioria dos partidos comunistas ocidentais, na condenação à intervenção soviética na Checoslováquia.

No entanto, muitos activistas da nova esquerda em Itália tentaram assim, numa primeira fase, dialogar e integrarem-se em maior ou menor grau na velha esquerda, especialmente no tradicionalmente forte Partido Comunista Italiano (PCI), levando a que o movimento de protesto italiano, pese embora ter uma base estudantil bastante forte também, tinha ligações sociais mais amplas, que incluíam muito elementos operários.

Os pontos que levaram à radicalização dos movimentos e à passagem da fase de mero protesto às raízes do terrorismo dão-se respectivamente em 1967, na Alemanha Federal e, em 1969, na Itália, com dois episódios claramente distintos, um na sequência de uma manifestação, outro de um atentado bombista, mas podem ser considerados, e assim o são

¹⁷ Tarrow, Sydney (1991) *“Violence and institutionalization after the italian protest cycle”*, em Raimondo Catanzaro (org.), *The Red Brigades and Left Wing Terrorism in Italy*, Londres, Pinter Press

¹⁸ Montanelli, Indro e Mario Cervi (1991) *L'Italia degli anni di piombo*, Milão, RCS Libri

por diversos autores, como as causas próximas para a defesa da beligerância, da auto-defesa, nas palavras destes movimentos¹⁹.

Assim, a 2 de Junho de 1967, em Berlim Ocidental, durante uma visita do Xá do Irão, a qual coincidiu com o processo de mobilização estudantil, verificaram-se uma série de confrontos entre os estudantes, que gritavam palavras de ordem como liberdade para o Irão, e as autoridades, que carregaram de ambos os lados contra os manifestantes.

No decurso desta manifestação, um agente à paisana alvejou o estudante Benno Ohnesorg, acabando este por morrer de forma imediata. Posteriormente, veio-se a saber que este agente policial à paisana seria um elemento a soldo da *Stasi*, os serviços secretos da Alemanha Oriental.²⁰ Para além disto, a batalha campal resultou em bastantes feridos e algumas prisões.

O governo alemão ocidental atribui esta onda de contestação a elementos anarquistas, manifestantes profissionais, próximos e financiados pelo leste, algo que parte da imprensa de direita, nomeadamente o jornal Bild²¹ fez eco. Por outro lado, nas Universidades, mesmo entre parte dos professores foi feita uma crítica velada à repressão brutal dos protestos, intitulado o comportamento das autoridades, e a brutal repressão consequente, como um legado do nazismo e uma prova da fraqueza da democracia na Alemanha Ocidental.

Os manifestantes e aqueles que os apoiavam começaram assim a advogar o direito à resistência justa contra as autoridades injustas, sendo que estas mesmas autoridades acusavam os manifestantes de agirem contra a democracia, denegrindo o papel do protesto como forma de participação política.

Na continuação destes acontecimentos, um pedreiro, com ligações à extrema direita, tentou assassinar o líder estudantil Rudi Dutschke, que acabou por ficar ferido no decurso do atentado, levando diversos elementos esquerdistas a começar a acreditar na existência de uma perseguição aos mesmos.

Roma, 1 de Março de 1968, uma manifestação estudantil confronta-se com a polícia, dando origem a uma batalha campal, de onde resultam bastantes feridos e detidos, Este episódio, conhecido entre os activistas de esquerda como a Batalha de Valle Giulia leva a

¹⁹ Della Porta, Donatella (1995) *Social Movements, Political Violence and the State: A comparative analysis of Italy and Germany*, Cambridge, Cambridge University Press

²⁰ Vague, Tom (1998) *Televisionaries: The Red Army Faction Story*, Glasgow, AK Press

²¹ Della Porta, Donatella (1995) *Social Movements, Political Violence and the State: A comparative analysis of Italy and Germany*, Cambridge, Cambridge University Press

uma divisão no espectro político italiano, tendo certos sectores da esquerda, inclusive o PSI condenado a excessiva brutalidade da polícia. No entanto, para os sectores conservadores da sociedade, o discurso adoptado é parecido a aquele adoptado na Alemanha Federal, associando os estudantes a marionetas dos regimes de leste.

O segundo episódio que extremou o caso italiano, e este considerado por muitos autores como mais premente, é o atentado à bomba contra uma agência bancária em Milão, na Piazza Fontana, em 1969, de onde resultaram alguns mortos, e em sequência de qual, a polícia se apressou a prender um número de esquerdistas, especialmente anarquistas, tendo um deles Giuseppe Pinelli, morrido enquanto se encontrava detido, dando origem às normais suspeitas entre os movimentos esquerdistas.

O atentado levou a que o estado italiano pensasse numa conspiração esquerdistas, tendo sido presos diversos esquerdistas, em diversas cidades italianas, criando uma enorme desconfiança entre os movimentos esquerdistas e o aparelho estatal. Mais tarde, veio-se a descobrir que este atentado havia sido perpetrado por elementos de extrema-direita, associados a um grupo intitulado *Ordine Nuovo*.

A partir deste conjunto de episódios, começou a desenrolar-se nestes dois países uma radicalização de partes dos movimentos esquerdistas, levando a que a autodefesa começasse cada vez mais a ser vista como a solução, assim como o empreendimento de acções contra os estados, considerados por estes movimentos como injustos e brutais.

CAPÍTULO III O OUTONO ALEMÃO

Esta expressão serve para designar um período de clímax na história do terrorismo de extrema-esquerda na Alemanha Federal, nomeadamente, o Outono de 1977, no qual vieram a ocorrer diversos acontecimentos importantes para o estudo do fenómeno do terrorismo de esquerda na Alemanha Federal. Foi aqui que se deram os suicídios de Andreas Baader, a sua mulher Gudrun Ensslin e Jan-Carl Raspe, três dos principais membros da Facção do Exército Vermelho (RAF). Aliás, o grupo foi originalmente conhecido como Grupo Baader-Meinhoff, em honra de dois dos seus principais mentores, o já referido Andreas Baader e Ulrike Meinhoff, uma antiga jornalista que se havia suicidado no ano anterior.

No entanto, estes acontecimentos foram meramente um momento importante numa série de acontecimentos que ocorreram neste país, que tiveram o seu início no fim da década anterior, e que se viram a prolongar no tempo, pela década seguinte. A revolta começou de facto com os protestos estudantis de 1967, e as ilações daí tiradas por parte do movimento estudantil.

Na Alemanha Federal desta altura, muitos grupos, especialmente jovens, não se sentiam representados pela classe política, algo que era agravado pelo facto de existir uma grande coligação, entre os Democrata-Cristãos da CDU e o SPD, liderada pelo Chanceler Kurt Kiesinger. Em consequência desta grande coligação, mais de 90 por cento dos deputados estavam ligados aos partidos do governo, o que levou logo, a serem postas internamente, questões relativamente ao funcionamento de uma democracia nestas circunstâncias.

O único partido que não pertencia à aliança era o FDP, um partido de matriz liberal, que era claramente minoritário, e que não se aproximava minimamente das posições das juventudes universitárias, as quais não se sentiam representadas no sistema político federal. O facto de o partido comunista ter sido ilegalizado na Alemanha Ocidental, devido aos receios das proximidades que este poderia ter com a Alemanha de Leste contribui ainda mais para a sensação da ausência de democracia.

Para além disso, a Alemanha Federal ainda vivia com as consequências da IIª Guerra Mundial, nomeadamente com a geração estudante na altura, a qual havia, na sua grande maioria, nascido no fim da guerra, ou nos anos imediatamente a seguir a esta. A integração da Alemanha Ocidental na NATO, e a sua consequente remilitarização eram amplamente discutidas entre os estudantes, nomeadamente entre os sectores esquerdistas, algo que teria

sempre de ser especialmente forte num país que havia sido dividido em consequência da guerra.

Após 1961, em consequência da construção do Muro de Berlim, a passagem entre as duas Alemanhas havia sido claramente dificultada, e o sonho existente entre alguns, de que a Alemanha se pudesse voltar a unir a curto prazo e se tornar num elemento de desanuviamento das relações este-oeste, dissipava-se. Entre as pessoas que haviam acreditado nisto, encontrava-se a jornalista Ulrike Meinhoff, que acreditava que a Alemanha Federal se encontrava muito próximo do jugo dos Estados Unidos.

No início de 1967, o movimento estudantil alemão fervilhava, inspirado pelos situacionistas, para além de movimentos como o SDS, a Sociedade dos Estudantes Socialistas, que havia feito parte do SPD, o partido Social-Democrata alemão, mas que havia sido excluída do partido, devido ao seu radicalismo. A estes juntavam-se como alguns outros elementos da ala esquerda do partido.

Estes movimentos não se encontravam ligado a directamente a nenhum partido, assim como não se reviam em nenhum dos partidos do sistema. Uma vez que o partido comunista, que seria teoricamente o mais provável de granjear simpatias entre estes movimentos, havia sido ilegalizado, como medida de precaução pela possível atitude deste partido face à Alemanha de Leste, nenhuma das forças do espectro político conseguia as simpatias dos movimentos estudantis.

As experiências de modelos de vida alternativos haviam criado grupos como a Kommune 1, uma comuna onde se praticava esse estilo de vida alternativo, entre uma série de outras comunas do mesmo tipo, as quais ficaram historicamente menos conhecidas. A Universidade Livre de Berlim era o centro de muitas destas experiências, pese embora as mesmas se espalhassem em menor escala a outras universidades e cidades do país.

A esquerda alemã encontrava o seu espaço na Oposição extraparlamentar, que aglutinava muitos sectores que não se sentiam representados pelas estruturas estatais, especialmente na conjuntura da grande coligação, a qual havia finalmente conseguido, em Maio de 1968, aprovar a nova legislação de segurança, que permitia ao estado suprimir direitos, na prática quase suprimir o estado de direito em tempos de guerra, grandes desastres e motins, o que acabou por ser utilizado contra os protesto estudantis, e posteriormente contra o terrorismo.

Muitos grupos na Alemanha Federal vieram a insurgir-se contra a aprovação desta lei, a qual trazia de volta os fantasmas do regime nazi, algo que foi particularmente sentido pelos estudantes, que já haviam estado desde o início da frente da contestação. Um dos grandes

apoios da esquerda na Alemanha Federal era a revista Konkret, uma revista que misturava arte e cultura com assuntos políticos e onde escrevia como colunista Ulrike Meinhoff, que aliás tinha, em 1967, escrito uma coluna intitulada “Carta aberta a Farah Dibah”²², onde se punha em questão muito do que a imperatriz do Irão dizia, em véspera da visita do Xá à Alemanha Federal, e de onde começariam a dar-se os acontecimentos que levariam ao extremar do protesto.

Em consequência das manifestações contra a visita do Xá, em que, a 2 de Junho de 1967, a polícia aplica uma tática que denominava de salsicha para reprimir os manifestantes²³, que consistia em carregar pelo meio, de forma a fazer rebentar as pontas. Durante os protestos, o estudante Benno Ohnesorg é perseguido e morto a tiro por um polícia à paisana, episódio que ensombra os protestos.

Em Abril de 1968 deu-se o atentado contra Rudi Dutschke, líder da SDS e figura de proa da APO, em qual este fica ferido com gravidade. Este atentado foi perpetrado por um elemento radical de extrema direita, de seu nome Josef Bachmann, que acabaria por se vir a suicidar na prisão. No entanto, Dutschke passou a ser visto quase como um mártir pela causa estudantil, que preconizava modelos de associação e de vida alternativos à norma.

Em sequência destes acontecimentos, começa a nascer uma vontade de autodefesa, por parte dos estudantes e de pessoas associadas à esquerda, tendo mesmo, em 1968, Meinhoff redigido, na revista Konkret, duas colunas intituladas respectivamente, *Contra-violência* e *Do protesto à resistência*²⁴.

A ideia de autodefesa dos movimentos estudantis e outros grupos fora do consenso era de certa forma generalizada neste período, sendo que o mesmo fenómeno ocorria também nos Estados Unidos onde, por exemplo, se davam acontecimentos que iriam extremar elementos, tanto do meio estudantil, como da minoria negra, onde o próprio nome oficial do movimento conhecido como Panteras Negras tomava o nome de Black Panther Party for Self-Defense.

Assim, a passagem para a violência dá-se a partir de elementos claramente ligados ao movimento estudantil e das pequenas células libertárias autonomistas a ele ligadas. A APO

²² Bauer, Karin (2008), *Everybody talks about the weather, we don't: The writings of Ulrike Meinhoff*, Nova York, Seven Stories Press

²³ Della Porta, Donatella (1995) *Social Movements, Political Violence and the State: A comparative analysis of Italy and Germany*, Cambridge, Cambridge University Press

²⁴ Bauer, Karin (2008), *Everybody talks about the weather, we don't: The writings of Ulrike Meinhoff*, Nova York, Seven Stories Press

acaba por se dissolver, tal como a *Kommune 1*, dando-se o aparecimento do precoce movimento prototerrorista *West Berlin Tupumaros*, que tentava ser a primeira resposta à repressão do estado, modelando-se nas guerrilhas urbanas do Uruguai, e tendo acabado por ter uma existência bastante breve e pouco activa.

No entanto, o processo de radicalização de uma facção do movimento de protesto haveria de chegar mais longe. Diversos elementos entre aqueles que protestavam começavam a clamar por vingança. Entre estes incluíam-se a já supracitada Ulrike Meinhoff, na altura jornalista consagrada, e que era vista pelos seus pares uma espécie de *socialite* com consciência esquerdista. Para além dela, vários estudantes de classe média, com simpatias marxistas, incluindo Gudrun Ensslin, uma estudante de doutoramento que trabalhava também em causas sociais, Horst Mähler, um advogado e grande simpatizante da causa estudantil, e mesmo Andreas Baader, um pequeno criminoso, com um passado como ladrão de automóveis e sem grandes afinidades políticas passadas conhecidas.

O momento onde se dá o ponto de ruptura acontece quando Ensslin e Baader, que se haviam conhecido através de casas de passagem para adolescentes que haviam fugido de casa, são implicados num acto de fogo posto, num armazém de Frankfurt, em 1968. O duo foge para Berlim Ocidental, onde é ajudado por Meinhoff. Apesar de aguardarem julgamento em liberdade, Baader e Ensslin decidem fugir, para evitar a captura.

Em Abril de 1970, Baader é preso, e parte dos seus camaradas decidem libertá-lo. Devido à influência pública de Meinhoff, ela acaba por conseguir convencer as autoridades a permitirem que Baader fosse entrevistado por ela, no Instituto de Estudos Sociais da Universidade Livre de Berlim. Quando ambos se encontravam no Instituto, um grupo formado por duas raparigas, dos círculos de jovens fugidas de casa, em conjunto com duas figuras mascaradas, entram armadas, tendo ferido gravemente um funcionário a tiro, e fogem com Baader, através de uma janela. Meinhoff, tomada pelo pânico²⁵, acaba por fugir pela mesma janela, juntando-se ao grupo.

O plano original implicaria que Meinhoff ficasse, fingindo que havia sido surpreendida, algo que não teria corrido bem pelo facto de ela ter entrado em pânico²⁶. Aliás, a quarta pessoa que participou na operação, e que teria supostamente ferido o guarda, teria sido um criminoso de carreira recrutado para o efeito, dada a pouca confiança que o grupo tinha em

²⁵ Bauer, Karin (2008), *Everybody talks about the weather, we don't: The writings of Ulrike Meinhoff*, Nova York, Seven Stories Press

²⁶ Idem

conseguir por si mesmo realizar a operação. Aliás, ainda hoje é discutido, se na altura, este grupo de pessoas teriam completa consciência da gravidade dos seus actos.²⁷

O grupo decide aí, conjuntamente com outros membros dos mesmos círculos, fugir da Alemanha Federal, acabando por chegar ao Iémen, via Amã, e a um campo de treino da Al Fatah, onde vieram a receber treino em armas e explosivos.

3.1 A Facção do Exército Vermelho

O episódio referido no parágrafo anterior marca o nascimento do primeiro movimento terrorista alemão, a Facção do Exército Vermelho, ou em alemão *Rot Armée Fraktion* (RAF)²⁸. A data de 14 de Maio de 1970, dia em que se deu a libertação pela força de Baader é assim considerada a data de formação da RAF. A RAF começa a dar conta de si através de comunicados, publicados no jornal clandestino *Agit 883*, e atribuídos a Ulrike Meinhoff²⁹. O primeiro comunicado divulgado tinha por título *Construir o Exército Vermelho*, e acabava com as frases, *Desenvolver a luta de classes, Organizar o Proletariado, Iniciar a luta armada, Construir o Exército Vermelho!*³⁰

Na imprensa afecta ao lado conservador, especialmente no jornal *Bild Zeitung*, pertencente ao Grupo Springer, criou-se uma certa fobia ao grupo, que muito depressa foi apelidado de Grupo Baader-Meinhoff, pese embora o mesmo se quisesse apelar desde o início como RAF.

Embora a RAF fosse claramente esquerdista, com inspirações marxistas, a sua matriz ideológica era bem mais indefinida do que à primeira vista poderia parecer. As suas origens estavam mais alicerçadas em estudantes marxistas de classe média, e movimentos autonomistas, maioritariamente, com ligações estudantis.

²⁷ Della Porta, Donatella (1995) *Social Movements, Political Violence and the State: A comparative analysis of Italy and Germany*, Cambridge, Cambridge University Press

²⁸ Embora a palavra original alemã seja traduzida como fracção, as traduções para inglês e francês são normalmente feitas com Facção

²⁹ Bauer, Karin (2008), *Everybody talks about the weather, we don't: The writings of Ulrike Meinhoff*, Nova York, Seven Stories Press

³⁰ <http://www.baader-meinhof.com/communique-build-red-army-june-2-1970-english/>

A RAF era muito inspirada por Carlos Marighella, chegando mesmo os seus integrantes a declarar, que o mini-manual da guerrilha urbana da autoriado resistente brasileiro, como sendo uma fonte de grande influência no pensamento da RAF.

Voltando a utilizar o Agit 883 como meio de comunicação, a RAF vem mesmo a emitir um comunicado intitulado, *Konzept Stadtguerrilla*, Conceito de Guerrilha Urbana, que é vulgarmente atribuído a Ulrike Meinhoff, sendo aqui onde, pela primeira vez, é utilizada a designação Facção do Exército Vermelho, em vez de Grupo Baader-Meinhoff, como a imprensa oficial intitulava o movimento.³¹

A ligação da RAF ao proletariado não era assim tão forte, como os próprios integrantes desejariam, pese embora a própria Ulrike Meinhoff ter mencionado que existia uma vontade de este movimento se poder vir a transformar numa espécie de vanguarda da revolução. Aliás, muitos membros da RAF mantinham um discurso de que o proletariado havia sido, de certa forma domado, desejando apenas ter uma casa, um carro e uma televisão.

O conjunto de elementos fundadores da RAF começou imediatamente a organizar-se, mal os seus elementos voltaram à Alemanha Federal, mesmo tendo em conta da prisão de Horst Mahler. São realizados diversos assaltos a bancos em simultâneo, de forma a conseguir os fundos necessários para lançar a revolução, assim como roubos de automóveis, de forma a obter a mobilidade necessária, sendo que desde cedo Baader se assumiu como o principal líder do grupo, devido à sua forte personalidade. Meinhoff, que era normalmente responsável por escrever os comunicados, referia-se a Baader como o Marighella, ou o Lumumba da RAF, o líder que poderia guiar o movimento até à revolução.³²

Uma das principais curiosidades relativas à RAF é o seu posicionamento ideológico, o qual é de certa forma mais difuso, mesmo tendo em conta que o movimento partia de uma base vagamente marxista, muitos dos membros iniciais não eram conhecidos por ter posições políticas fortes, estando mais unidos por uma postura anti estado e anti-imperialista.

Andreas Baader, antes de aderir à RAF, era mais conhecido como pequeno criminoso, ladrão de automóveis, que havia tido associações com drogas e tinha uma predilecção por armas e carros rápidos, o que lhe dava uma imagem rebelde, sendo várias vezes comparado ao actor Marlon Brando.³³

³¹ <http://www.baader-meinhof.com/the-concept-urban-guerrilla/>

³² Della Porta, Donatella (1995) *Social Movements, Political Violence and the State: A comparative analysis of Italy and Germany*, Cambridge, Cambridge University Press

³³ Vague, Tom (1998) *Televisionaries: The Red Army Faction Story*, Glasgow, AK Press

Aliás, a marca bávara BMW acaba por se tornar a preferida dos membros da RAF, tendo mesmo a sigla, que oficialmente significa Bayerisches Motoren Werke, passado informalmente a ser conhecida como Baader Meinhoff Wagen, sendo os modelos 2000 e 2002³⁴ aqueles a que essa expressão se aplicava, de forma mais específica.

Em 1971, uma sondagem realizada pelo Instituto Allenbach, dizia que um quinto dos cidadãos alemães pensava que as acções empreendidas pela RAF eram políticas e não criminosas. Para além disso, um quarto dos alemães abaixo de 30 anos manifestavam uma certa simpatia pela RAF, e um em cada 20 não se importariam de dar abrigo a membros da RAF durante uma noite³⁵. Esta rede de simpatizantes veio a ser uma ajuda a esconder temporariamente membros da RAF.

Aliás, os alemães e a RAF tinham, no início, uma certa história de compreensão, especialmente os mais jovens, nascidos perto do fim, ou após o fim da guerra. Alguns autores, como Norbert Elias, chegam a defender que esta deriva esquerdista seria uma espécie de crítica, motivada pela incompreensão pelos actos das gerações anteriores.³⁶ Este grito de revolta seria assim dirigido contra uma sociedade vista como herdeira do nazismo, e onde alguns métodos e estruturas vindas deste pareciam subsistir.

A primeira onda de atentados perpetrados pela RAF dirige-se essencialmente contra bases americanas na Alemanha Federal, assim como contra esquadras da polícia, ou a sede do BKA, Bundeskriminalamt, uma agência federal de polícia, responsável pela investigação criminal a nível federal, e cuja principal preocupação era dirigida ao terrorismo. Esta onda de atentados, que ficou conhecida como ofensiva de Maio, começou a erodir as simpatias de partes do público pela RAF, dado que tinha deixado de lado os planos de libertação de camaradas, assim como a ideia de meramente responder aos tiros da polícia, para se dedicar a outros alvos, e revelar o lado claramente anti-imperialista.

Em Setembro de 1971, Horst Herold foi nomeado Comissário-chefe do BKA, tendo pedido um computador central, o qual continha uma série de informações sobre muitos alemães, que poderiam ser considerados terroristas ou simpatizantes de terroristas, assim como, de alguma forma, agitadores. Herold vai introduzir uma série de métodos novos no combate à RAF.

³⁴ <http://www.baader-meinhof.com/bmw-brand-terror/>

³⁵ Bauer, Karin (2008), *Everybody talks about the weather, we don't: The writings of Ulrike Meinhoff*, Nova York, Seven Stories Press

³⁶ Elias, Norbert, (1996) *The Germans*, Oxford, Blackwell Publishers

A estratégia de Herold ajuda a revolucionar a comunicação entre as polícias estaduais e a sua congénere federal, assim como vai utilizar o seu terminal de computadores em larga escala e utilizar outros serviços, incluindo cientistas sociais, de forma a compreender e tentar capturar os terroristas o mais depressa possível. Assim, percebe-se que muitas vezes, os terroristas haviam abraçado a clandestinidade, tendo-se tentando incluir no meio das multidões, e manter um estilo de vida que os tentasse livrar de suspeitas, mudando-se frequentemente, para evitarem a detecção e consequente prisão.

A estratégia de detenção dos suspeitos implicou a montagem de diversas barricadas nas estradas, assim como uma procura muito mais activa de locais suspeitos, de forma a mostrar um policiamento mais forte. Para além disso, verificou-se a utilização de informadores, como forma a chegar aos membros da RAF.

Os primeiros começam a ser capturados, tendo, em 1972, acabado por serem capturados em incidentes diferentes, Baader, com mais dois membros, Jan-Carl Raspe e Holger Meins, após serem encurralados num armazém de Frankfurt, tendo-se envolvido num tiroteio com a polícia antes de se renderem. A seguir foi a vez de Gudrun Ensslin, numa loja de roupa e, finalmente, Ulrike Meinhoff, em Hannover, após ter pedido abrigo a um simpatizante esquerdista, que acabou por a denunciar.

No final de 1972, a chefia da organização encontrava-se toda aprisionada. Os membros da chefia da RAF acabaram por ser finalmente encaminhados para a prisão de Stammheim, perto de Estugarda, onde realizaram diversas acções de protesto, à medida que iam sendo encaminhados para o julgamento. Aqui nasceu a tentativa de formação de uma frente prisional, uma espécie de liderança encarcerada, que tentava, muitas vezes utilizando os advogados, continuar as comunicações com membros no exterior, os quais continuavam a tentar libertá-los, chegando mesmo a recorrer a raptos ou homicídios.

Esta liderança encarcerada produzia uma grande quantidade de comunicados e literatura, tentando-os fazer chegar ao exterior do cárcere sempre que tal fosse possível, de forma a produzir guias de orientação para os militantes no exterior, para estes compreenderem aquilo que deveriam fazer.

Após terem sido encarcerados, os membros da RAF foram primeiramente separados, o que começou a levar às greves de fome, na sequência das quais morre o primeiro dos membros centrais Holger Meins, a quem foi supostamente negada a transferência para os cuidados intensivos, nos seus últimos dias. Meins, que media mais de 1,80m, pesava 39kg,

aquando da sua morte³⁷. Em sequência, os líderes aprisionados são novamente juntos e posteriormente separados.

A 24 de Abril de 1975, a embaixada alemã na Suécia é tomada refém por um grupo da RAF, tentando garantir a libertação dos líderes aprisionados, não apenas dos quatro centrais, mas de outros elementos também. Nesta acção, o grupo intitula-se Comando Holger Meins, utilizando a prática de baptizar as reivindicações com os nomes de membros caídos.

Entretanto, os membros encarcerados são levados a julgamento. Os julgamentos decorrem com os diversos elementos a responder de forma jocosa em tribunal, e a tentar tudo para manter contactos, tanto externos, como internos entre os membros, dado que a sua situação dentro da prisão evoluía entre ser-lhes permitido estar em conjunto, e estarem detidos individualmente, sem contacto oficial.

Foi necessário que estes membros desenvolvessem métodos de comunicação entre eles, chegando mesmo a utilizar um sistema de informação que envolvia o uso de personagens da obra Moby Dick³⁸, como código destinado a blindar esta forma de comunicação, de modo a que tal não fosse notado pelos guardas.

A RAF é normalmente vista, como tendo 3 gerações diferentes de militantes, sendo que a primeira é aquela cujos elementos se juntaram à organização nos primeiros tempos, enquanto o núcleo central ainda se encontrava em liberdade, e que incluía entre outros, nomes como Holger Meins, Jan-Carl Raspe, Astrid Proll, ou Petra Schelm.

Esta geração foi responsável pelas primeiras acções do movimento, que passaram por assaltos a bancos e outras acções menos violentas, as quais granjearam simpatia à organização por parte de muitos alemães mais jovens, que viam a RAF como uma força rebelde, que lutava contra o regime.

A primeira geração tinha alguns elementos que se juntaram por esse motivo. Elementos como Petra Schelm, que era uma cabeleireira de 20 anos que se havia juntado à organização pela sua aura de rebeldia e mistério, e menos por considerações políticas. Schelm veio a ser a primeira operacional a ser morta pelas autoridades, em consequência de um tiroteio, após ela e o seu companheiro não terem parado numa barricada na estrada.

A segunda geração é formada por elementos que se juntaram depois da prisão da liderança, convivendo directamente com os elementos da primeira geração ainda em liberdade. A segunda geração mantém o objectivo claro de libertar os líderes detidos, sendo

³⁷ Vague, Tom (1998) *Televisionaries: The Red Army Faction Story*, Glasgow, AK Press

³⁸ Idem

que parte destes membros desta segunda geração eram antigos membros de outros movimentos terroristas, como o B2J, mas também do SPK, o colectivo dos pacientes socialistas. O SPK era um pequeno grupo formado por um psiquiatra que defendia o socialismo como cura para parte dos males psíquicos, acabando parte dos membros deste círculo por se juntarem à RAF, dada a apologia feita por este movimento da violência, como forma de atingir o socialismo.³⁹

A partir de 1976, Meinhoff começa a distanciar-se dos outros membros, caindo num estado mais depressivo e apático, que lhe vale o ostracismo crescente dos outros membros. Meinhoff acaba por se suicidar a 9 de Maio, tendo o seu cérebro sido retirado e analisado por médicos, de forma a tentar investigar de que forma é que uma cirurgia anterior, para remoção de um tumor, teria contribuído para a mudança clara na personalidade da jornalista, e a possível associação ao terrorismo.⁴⁰

Em 1977, dão-se os acontecimentos que desembocam no Outono alemão, os quais vêm a ter o seu início com o assassinato do banqueiro Jürgen Ponto, a 30 de Julho, desse mesmo ano. Este homicídio ocorre na residência de Ponto após uma visita de uma jovem conhecida do banqueiro, a qual era simpatizante da RAF, e havia levado alguns amigos.

A 5 de Setembro, a RAF embosca e sequestra Hans-Martin Schleyer, na altura líder da associação dos empregadores alemães, numa acção que envolveu bloquear uma estrada e disparar contra a escolta e o veículo de Schleyer, causando mortes entre a escolta e o motorista.

A 13 de Outubro, através da aliança com a Al Fatah, um avião da Lufthansa é sequestrado a caminho de Maiorca para a Alemanha Ocidental, tendo finalmente aterrado em Mogadíscio, após ter sido recusada a aterragem em vários locais. Era pedida a libertação dos líderes encarcerados da RAF, em troca da libertação do avião.

Em sequência destes acontecimentos, a 18 do mesmo mês, a unidade antiterrorista de elite alemã, o GSG9, desencadeia uma operação, em que o avião é libertado. Na mesma noite, Baader, Raspe e Ensslin são encontrados mortos nas suas celas, tendo uma segunda mulher, Irmgard Möller, sido encontrada esfaqueada.

Isto motivou uma discussão sobre se as mortes haviam sido suicídios ou, alternativamente, uma espécie de execução extrajudicial, dado que especialmente os dois

³⁹ Vague, Tom (1998) *Televisionaries: The Red Army Faction Story*, Glasgow, AK Press

⁴⁰ Bauer, Karin (2008), *Everybody talks about the weather, we don't: The writings of Ulrike Meinhoff*, Nova York, Seven Stories Press

homens se haviam suicidado com armas de fogo, as quais seriam teoricamente difíceis de contrabandear para uma prisão de alta segurança.⁴¹

Passados poucos dias, o corpo de Schleyer é encontrado no leste de França, pondo fim ao Outono alemão e à primeira geração da RAF, assim com, em certa medida, pondo um travão à segunda geração, que havia sido centrada em membros que haviam privado com a primeira geração, ou de antigos membros de organizações próximas. Baader havia dito numa entrevista, que futuras gerações da RAF seriam potencialmente mais perigosas.

Assim, a RAF continuou a existir, deixando agora de ter a libertação da sua liderança, que se encontrava encarcerada, como principal objectivo e passando a dirigir as suas acções para outros objectivos, nomeadamente dirigindo-se ao aparelho militar da NATO, nomeadamente pessoas e estruturas da aliança militar na Europa, especialmente se essas pessoas ou instalações fossem norte-americanas. O aparelho económico também se tornou um alvo, tanto do ponto de vista dos bancos como das companhias industriais, especialmente aquelas com ligações às indústrias de armamento.

Tal como Baader havia previsto, esta nova geração da RAF viria a ser mais violenta, e menos ideológica, trocando o idealismo que existia na mente daqueles que haviam criado a organização, pese embora a RAF ter tido sempre uma posição ideológica de certo modo vaga, por uma muito maior componente prática, que levaria a RAF a ser associada ao novo fenómeno emergente do euroterrorismo, e a desenvolver um internacionalismo anti-imperialista.

A RAF sofreu numa reorganização, em 1982 depois das prisões de Brigitte Monhaupt e Siegfried Haag, que haviam sido os líderes da organização após as mortes de Stammheim. Esta reorganização criou uma célula central de cerca de 20 elementos, sendo estas apoiadas por estruturas auxiliares, que providenciavam veículos, abrigos, e outro material necessário, sendo que a RAF contava também nesta altura com algum apoio tácito dos movimentos de ocupação de casas e do movimento antinuclear.⁴²

Após essa reorganização, a nova geração de elementos da RAF voltou a estar activa, pese embora numa escala muito menor que no passado, dado que agora, o núcleo central do movimento era muito mais pequeno, adaptando-se às novas circunstâncias, onde o apoio ao movimento era menos visível.

⁴¹ Vague, Tom (1998) *Televisionaries: The Red Army Faction Story*, Glasgow, AK Press

⁴² Vague, Tom (1998) *Televisionaries: The Red Army Faction Story*, Glasgow, AK Press

O número de acções não ultrapassava mais de 2 ou 3 por ano, sendo que, na fase do euroterrorismo, os atentados da RAF tiveram como alvos personalidades do aparelho militar da NATO, tendo mesmo tentado assassinar o comandante em chefe da NATO, General Alexander Haig, em 1979, através da colocação de um engenho explosivo numa ponte onde o veículo que transportava Haig iria passar.

Os outros alvos da RAF eram normalmente figuras ligadas à economia alemã, podendo os alvos dos atentados tanto serem ligados à banca, como a sectores da indústria, sendo que os responsáveis por empresas ligadas à indústria de defesa eram um alvo preferencial.

A RAF conseguiu sobreviver durante a totalidade da década de 80, e foi o principal movimento impulsor da criação de uma frente armada anti-imperialista, tentando convencer parte dos outros grupos a aderirem à causa, pese embora os esforços encetados nesse sentido tenham sempre acabado por falhar.

No entanto, a RAF ainda conduziu mais do que uma operação conjunta com a Action Directe francesa, tendo havido diversas operações em que ambos os movimentos actuaram em conjunto, como por exemplo no atentado na base aérea de Rhein-Main, referida no capítulo anterior.

Após a queda do bloco de leste, os antigos membros que haviam encontrado uma nova vida na antiga Alemanha de Leste acabaram por ser deportados de volta para a Alemanha Ocidental, tendo os últimos atentados perpetrados pela RAF sido dirigidos contra pessoas responsáveis pela privatização do aparelho económico e burocrático que a nova Alemanha unificada herdou da antiga Alemanha de Leste.⁴³

3.2 O Movimento 2 de Junho e as Células Revolucionárias

A RAF não teve, no entanto, o monopólio do terrorismo de esquerda na Alemanha Federal. Neste período existiram mais organizações terroristas, que embora menos famosas, também deixaram algumas marcas, mesmo se aparecendo muitas vezes associadas à imagem de um movimento único.

Ao mesmo tempo que a RAF nascia, outros pequenos grupos também apareciam, consequências da situação política e da junção de grupos diferentes de pessoas. Parte destes

⁴³ Alexander, Yonah e Pluchinsky, Dennis (2000) *Europe's Red Terrorists*, Londres, Frank Cass Publishing

grupos, originalmente pequenas organizações autonomistas, com objectivos que iam desde o combate ao imperialismo até à despenalização das drogas vieram a dar origem a outros dois movimentos de cariz terrorista que viriam a aparecer na Alemanha Federal.

Outro movimento de cariz terrorista que apareceu, durante a década de 70, na Alemanha Federal, foram o Movimento 2 de Junho, *Bewegung 2 Juni*, muitas vezes abreviado para B2J, que foi directamente formado a partir de membros vindos dos West Berlin Tupumaros e de membros reminiscentes da desaparecida Kommune 1. Ao contrário da RAF que, pelo menos, se reclamava de ter uma ideologia marxista adaptada à realidade em qual os seus membros viviam, o B2J era um movimento de cariz claramente anarquista, de membros que muitas vezes tomaram parte em acções conjuntas com a RAF.

O B2J teve o seu nome inspirado pela morte de Benno Ohnesorg, em 1967, e manteve sempre uma grande proximidade, embora tenha sempre mantido a sua autonomia. A sua origem era mais proletária que a da RAF, sendo claramente inspirada pela personagem de Michael Bommi Baumann, um operário da construção civil, que disse mesmo que se via a fazer a mesma vida durante muito anos e ser mal visto pela sociedade por ter cabelo comprido⁴⁴.

Os membros do B2J também participaram em diversos atentados, como o atentado à bomba contra o British Yacht Club de Berlim Ocidental, assim como o rapto do candidato a burgomestre de Berlim Ocidental, Peter Lorenz, que foi libertado após a libertação de alguns membros aprisionados do B2J.

O B2J teve algumas clivagens com a RAF, nomeadamente devido ao consumo de drogas, nomeadamente por parte de Baumann e do seu círculo próximo, assim como algumas pequenas questões ideológicas, dado que membros do B2J considerarem a RAF de certa forma elitista.⁴⁵ O B2J discordava também da estrutura de absoluta clandestinidade, encorajando a participação dos seus membros em actividades legais em simultâneo à participação no movimento, e discordando da existência de uma estrutura directiva, como existia na RAF.

⁴⁴ <http://www.baader-meinhof.com/podcast-16-interview-with-urban-guerrilla-bommi-baumann/>

⁴⁵ Della Porta, Donatella (1995) *Social Movements, Political Violence and the State: A comparative analysis of Italy and Germany*, Cambridge, Cambridge University Press

De acordo com o próprio Baumann, as primeiras armas a que o B2J teve acesso, através da Kommune 1, foram obtidas através de um agente infiltrado do Gabinete de Protecção da Constituição, *Bundersverfassungschutz*.⁴⁶

O terceiro movimento terrorista que apareceu na Alemanha Ocidental ficou conhecido como Células Revolucionárias, *Revolutionäre Zellen*, normalmente conhecidos como RZ. As RZ, embora tendo sempre sido um movimento pequeno, de activistas que escolheram o método violento, embora não se escolhessem juntar à RAF, tinham em comum com o B2J o facto de se manterem no limbo entre as actividades legais e ilegais.

As RZ eram organizadas numa estrutura de grande autonomia, onde os seus membros se mantinham legais, participando na sociedade, tendo empregos, famílias, sendo o terrorismo como uma espécie de actividade secundária.

As RZ foram também responsáveis por várias acções menos violentas, com métodos mais simples, como sabotar máquinas de venda de bilhetes com cola, ou outras acções que pudessem ser efectuadas de forma simples, como ensinar a construir bombas a partir de ingredientes domésticos, fáceis de encontrar.

No entanto, no número global de acções as RZ foram, dos 3 movimentos, aquele que mais acções efectuou, pese embora ser menos dado a reivindicar todas as suas acções, tendo mesmo participado em algumas das acções terroristas mais violentas da altura, nomeadamente colaborando no sequestro da sede da OPEP, em Viena, acabando por funcionar como um aliado de peso, quase um braço europeu de grupos palestinianos.

Entre os seus elementos mais famosos, as RZ contavam com Hans-Joachim Klein, que havia sido o motorista de Jean-Paul Sartre na sua visita a Andreas Baader. Klein ficaria também a ser conhecido pelas suas ligações a movimentos terroristas, tendo participado pessoalmente na operação contra a sede da OPEP, tendo ao seu lado, entre outros, o notório terrorista Carlos, o Chacal.⁴⁷

Klein acabou aliás, em 1978, por desertar da organização, escrevendo uma carta ao jornal *Libération*, onde declarava renunciar ao terrorismo, o que o obrigou a viver escondido, procurando permanecer incógnito, dado as informações que possuía e as consequências que daí poderiam advir para a sua segurança pessoal.

Tal como o B2J, as RZ também eram bastante críticas do clima de ultra clandestinidade da RAF, e do seu total compromisso com a clandestinidade, o que fazia com que, na opinião

⁴⁶ Idem

⁴⁷ <http://www.baader-meinhof.com/?s=klein>

deste grupo, a RAF perdesse completamente o contacto com a realidade onde se enquadravam as massas, para quem era destinada a revolução, sendo que acordar essas mesmas massas era a principal razão pela qual a luta era travada.

O ambiente de secretismo sempre rodeou as RZ, que eram formadas por pequenos grupos, que viviam integrados na sociedade, com empregos e famílias, e onde a participação em actividades terroristas era algo paralelo. As RZ formavam assim células pequenas, onde o contacto era mantido ao mínimos, permitindo-lhes assim manter uma existência relativamente despercebida, sendo mais capazes de, ao mesmo tempo, não se isolarem completamente das massas, o que criticavam na RAF, e também, conseguiram ser menos expostas à possível captura.

CAPÍTULO IV A ITÁLIA E OS ANOS DE CHUMBO

Em Itália, o período compreendido entre o final da década de 60 e o início da década de 80 ficou conhecido como os anos de chumbo, *anni di piombo*, em italiano, em virtude da enorme quantidade de ocorrências verificadas, tanto à esquerda como à direita, assim como toda a violência política que ocorreu neste período histórico.

O período que que é designado como anos de chumbo situa-se, de grosso modo, entre 1969 e 1981, tendo atingido o primeiro grande ápice em 1978, quando as Brigadas Vermelhas foram responsáveis pelo sequestro do Primeiro-Ministro, Aldo Moro, tendo acabado mesmo Moro por ser executado pelas Brigadas.

Para além disso, a Itália foi marcada por uma onda de protesto, a qual não envolveu apenas os meios universitários, como ocorreu na Alemanha Federal, mas que veio também a envolver sectores do ensino secundário, assim como sectores dos trabalhadores das grandes fábricas do norte do país.

Tal e qual como a Alemanha Federal, a Itália era nesta altura governada por uma coligação de centro-esquerda, composta pelos democratas cristãos da DC e os Socialistas do PSI, sendo os primeiros-ministros aquando do início da onda de protesto, Aldo Moro, que foi seguido por Giovanni Leone. Ambos estes políticos eram membros da DC, que era de facto a força mais política mais importante do governo, pese embora o maior partido político ser bastantes vezes, em número de deputados, o Partido Comunista Italiano, PCI, sendo que as coligações eram normalmente feitas de forma a afastarem a presença do PCI no governo. Isto foi um compromisso alcançado posteriormente ao susto eleitoral imediatamente a seguir à guerra, que havia obrigado os Estados Unidos, no receio de uma chegada dos comunistas ao poder, a investir, através da CIA, somas maciças de dinheiro, em campanhas que permitiram à DC ganhar as eleições e chegar ao poder.

Durante a primeira metade da década de 60, a Itália conheceu um enorme crescimento económico, o qual gerou uma taxa de emprego muito elevada, a qual levou ao reforço da posição estrutural e social da classe operária.⁴⁸ o qual levou à primeira vaga de greves nas grandes fábricas do norte do país, e ao início, da existência de vozes discordantes da linha

⁴⁸ Della Porta, Donatella (1995) *Social Movements, Political Violence and the State: A comparative analysis of Italy and Germany*, Cambridge, Cambridge University Press

oficial, defendida pelo PCI e pelos sindicatos, os quais haviam ganho poder em sequência do poder acrescido da classe operária.

A Itália na segunda metade da década de 60 era uma nação com uma classe estudantil fortemente mobilizada, do ponto de vista político. As tendências marxistas eram bastante fortes em muitos sectores, que não incluíam apenas o ensino superior, mas também parte do ensino secundário, uma vez que, bastantes vezes os estudantes dos liceus também embarcavam nos modelos de protesto, organizando também ocupações de escolas, marchas pacíficas de protesto, contra o sistema e as leis de reorganização do sistema educativo.

No ensino superior, esses movimentos eram obviamente mais visíveis e constantes, e ao contrário da Alemanha Federal, existia também um forte movimento de estudantes neo-fascistas, que muitas vezes colidia com aos estudantes de esquerda, existindo muitas vezes, confrontos de rua entre ambos, muitas vezes no decurso de ocupações das universidades, por parte dos estudantes de esquerda, na sequência das quais, os estudantes de direita reclamavam pelo direito ao estudo, o que acabava por, em diversas ocasiões, originar confrontos físicos.⁴⁹

Tal como em todos os outros movimentos de protesto estudantil da altura, os confrontos com a polícia foram de certa forma, inevitáveis, sendo que a necessidade de autodefesa começou também a ser pensada nos meios estudantis, especialmente em consequência dos acontecimentos de Valle Giulia, já referidos no capítulo 2, mas especialmente também do já referido, no mesmo capítulo, atentado da Piazza Fontana.

Este atentado é de facto um ponto de viragem em grande escala, tendo mesmo autores, como Indro Montanelli, referido que este acto de ferocidade cega tornou-se uma flecha envenenada no corpo da sociedade italiana, tendo vindo a alimentar a erva daninha do terrorismo.⁵⁰

Assim sendo, em consequência deste atentado, o estado italiano começou a imputar a culpabilidade do crime à esquerda, especialmente aos anarquistas, tendo mesmo sido detidos alguns, como Giuseppe Pinelli, que acabou por morrer sob custódia policial, tendo muitos outros anarquistas, assim como outros esquerdistas, imputado a culpa da morte de Pinelli à

⁴⁹ Tarrow, Sydney (1991) *“Violence and institutionalization after the italian protest cycle”*, em Raimondo Catanzaro (org.), *The Red Brigades and Left Wing Terrorism in Italy*, Londres, Pinter Press

⁵⁰ Montanelli, Indro e Mario Cervi (1991) *L'Italia degli anni di piombo*, Milão, RCS Libri

polícia, especialmente ao comissário Luigi Calabrese, acusando as autoridades de terem torturado e morto o militante anarquista.

O estado italiano começou também a temer a emergência de um terrorismo vermelho, isto é, o perigo da emergência de um terrorismo organizado esquerdista, o qual poderia por em perigo a democracia italiana. O caso da Piazza Fontana continuou a ser discutido, tendo muitos militantes esquerdistas acusado as autoridades de esconder a verdade, estando hoje em dia mais ao menos apurado de que foram elementos ligados à extrema-direita a estarem por detrás dos atentados.

O acontecimento da Piazza Fontana acabou por ser rodeado de um enorme simbolismo na política italiana, sendo que conseguiu recriar o medo de um golpe fascista em Itália, algo que havia sido demonstrado pelas alegadas ligações entre a extrema direita e as autoridades italianas, como a esquerda queria demonstrar.

Em Itália, os grupos da oposição extra-parlamentar tinham os seus próprios meios de comunicação, como por exemplo o Potere Operario, ou a Avanguardia Operaria, ou aquele que é provavelmente o mais importante destes movimentos, a Lotta Continua, um movimento que começou como um grupo de amigos, parte da oposição extra-parlamentar, acabando por editar um jornal com o mesmo nome, entrando em algumas acções violentas, pese embora de forma mais espontânea do que propriamente organizadas, tendo evoluído posteriormente para um movimento de cariz institucional, que acabou aliás por concorrer às eleições de 1973.

Tal como nos outros casos europeus e nos Estados Unidos, o ideal de formação de uma aliança operária-estudantil também existiu, sendo que os contactos entre ambos ajudaram a enraizar os modelos marxistas-leninistas entre ambos, uma vez que ambos os partilhavam e, nesta fase, ainda mantinham contactos fortes com a esquerda tradicional parlamentar.

4.1 A formação das Brigadas Vermelhas

Ao contrário do que aconteceu na Alemanha Federal, as razões da emergência do terrorismo de extrema esquerda em Itália devem-se também à existência de uma esquerda parlamentar muito forte. Muitos autores defendem mesmo que a radicalização dos movimentos extraparlamentares nasce da necessidade de competição com a esquerda

tradicional⁵¹, obrigando esta a tomar posições mais fortes, a favor ou contra a violência e, em última análise, a distanciar-se da violência e a acabarem por ficar dentro dos limites do estado, algo com que estes movimentos não poderiam concordar.

Assim, a aliança estudante operária começou a criar diversos grupos pequenos, que ora competiam entre si, ora se associavam, dos quais a supracitada Lotta Continua é o mais importante, tendo existido também outros movimentos, como por exemplo o Potere Operario. Estes movimentos continuaram a existir, tendo mesmo a LC evoluído em direcção a um partido político, o qual chegou a concorrer eleitoralmente, para além da existência do jornal que rivalizava com a imprensa do sistema, e introduzindo também pela primeira vez, a existência de milícias especializadas na autodefesa do movimento e dos seus apoiantes, solução que foi também adoptada por muitos outros grupos autonomistas.

O movimento que veio a aparecer a seguir, seguindo o mesmo tipo de lógica, mas que se viria a tornar muito mais importante, foram as Brigate Rosse, ou Brigadas Vermelhas, que nasceram de organizações autonomistas, centradas à volta das fábricas da área de Milão, nomeadamente, as fábricas da Alfa Romeo, Pirelli e Sit-Siemens, aos quais se juntaram movimentos de estudantes universitários, nomeadamente ligados à Universidade de Trento, com o seu recentemente formado Instituto de Sociologia.

Entre as personalidades que estão na origem das BR estão Renato Curcio, um estudante pós-graduado de sociologia desta universidade, que estava entre os activistas estudantis da mesma, e que estava ligado a uma publicação denominada esquerda proletária. Juntamente com Curcio, os outros membros fundadores são a sua mulher, e também estudante Margherita “Mara” Cagol e Alberto Franceschini.

Após os acontecimentos da Piazza Fontana e a radicalização consequente, Curcio abandonou a universidade, e a sua organização entrou em contacto com outras, que incluíam o Colectivo Político Metropolitano, de Milão, que tinha o apoio dos grupos de estudantes, assim como dos grupos das grandes fábricas. A estes juntaram-se diversos sectores dissidentes das juventudes comunistas, que começaram a publicar jornais, primeiro a supracitada Esquerda Proletária, *Sinistra Proletaria*, que após ter acabado, foi substituída por outro periódico, a Nova Resistência, *Nuova Resistenza*.

⁵¹ Tarrow, Sydney (1991) “*Violence and institutionalization after the italian protest cycle*”, em Raimondo Catanzaro (org.), *The Red Brigades and Left Wing Terrorism in Italy*, Londres, Pinter Press

Em sequência disto, aparecem as Brigadas Vermelhas, que originalmente foram pensadas como mais um dos grupos de autodefesa dos movimentos autonomistas, defendendo a questão de que, sem nenhuma forma de força militar, nas palavras dos próprios, as massas proletárias não conseguiriam almejar ter nenhum poder real. As BR começaram a ganhar autonomia própria muito depressa, acabando rapidamente por se virem a transformar numa organização autónoma.

De acordo com Giancarlo Caselli e Donatella Della Porta, a maior dos autores acreditam que foi numa reunião do CPM, em 1969, na localidade de Chiavari, que terá sido tomada a decisão operacional de reverter para a luta armada, pese embora a organização não tenha feito nada de relevante nesse sentido até ao verão de 1970.⁵²

Segundo os mesmos autores, as quatro fases em que se dividiram as acções das BR forma o período da propaganda armada (1970-73), o ataque ao coração do estado (1974-76), a estratégia de destruição (1977-78) e o confronto “militar” com o estado pela sobrevivência (1978-82)⁵³, a qual acaba na cisão interna que é tratada no capítulo seguinte.

As BR foram o primeiro destes movimentos a querer evoluir no sentido da militância clandestina, sendo a sua primeira fase é normalmente conhecida como a fase da propaganda armada. A primeira grande discussão interna é até que ponto a estrutura deveria ser clandestina, ou ser aberta, e forma de participação desta no movimento autonomista.

Em simultâneo, as BR começaram a expandir-se para fora de Milão, em direcção a outro grandes polos industriais, como Turim, tentando recrutar militantes entre os operários industriais, especialmente da FIAT, o grande polo industrial da cidade, e onde se concentravam muitos dos trabalhadores industriais que haviam migrado do sul do país, à procura de melhores condições de vida. As BR procuravam assim construir a sua revolução a partir de núcleo de trabalhadores fabris, e nas zonas industriais, onde os sinais de exploração das massas eram maiores.

As BR sempre procuraram recrutar entre meios proletários, sendo o número de operários nesta organização muito maior que na maioria das outras organizações do mesmo tipo. Assim sendo, a maioria do núcleo histórico de membros desta organização provinham de meios trabalhadores, mesmo que alguns membros, incluindo Renato Curcio, e a sua mulher,

⁵² Caselli, Gian Carlo, e Donatella Della Porta, (1991) “*Violence and institutionalization after the italian protest cycle*”, em Raimondo Catanzaro (org.), *The Red Brigades and Left Wing Terrorism in Italy*, Londres, Pinter Press

⁵³ Idem

viesses do meio universitário, havendo também outros membros que provienham de classes médias ou altas.⁵⁴

A organização começou as suas actuações através de acções focados nas fábricas e nos seus problemas, procurando apresentar-se como uma força antagónica às negociações entre trabalhadores e empresas, tentando levar às massas operárias em direcção à luta armada.

As primeiras acções das BR foram assim ligadas ao meio fabril, durante o ano de 1970, começando por serem notadas pela sua associação às negociações salariais, realizando ataques contra viaturas dos administradores, acções de fogo posto, ataques a membros de organizações de direita e a sindicatos com ligações à DC, e mesmo sequestros de funcionários de topo e administradores. Durante estas acções, existiam também roubos de documentos, que eram divulgados aos trabalhadores, através de folhetos propagandísticos.

Estas acções levaram a que, em 1972, a organização fosse sujeita a inquéritos policiais e prisões, o que levou a que fosse abandonada a ideia da dupla militância, que permitia manter a organização num regime de semi-clandestinidade. A clandestinidade foi, a partir deste momento, abordada como uma necessidade. Assim, a perspectiva estratégica da clandestinidade passou a ter de ser abordada, especialmente dos membros centrais, obrigando a que a passagem para a clandestinidade fizesse a organização criar uma diferenciação entre forças regulares e irregulares.

As forças regulares eram constituídas pelos membros centrais, que viviam clandestinamente, adoptando nomes falsos, por razões de evitarem a captura, trabalhando em permanência para a organização. Ao invés, as forças irregulares eram constituídas por elementos, que mesmo sendo membros da organização, viviam dentro do sistema, encontrando-se empregados, e envolvendo-se em actividades políticas legais.⁵⁵

A partir de 1974, as BR entram na sua segunda fase, após terem conseguido expandir a sua influência no país, começando a conseguir ter apoiantes noutros locais, pese embora a importância dos centros industriais do norte, onde se encontravam as colunas principais do movimento continuasse a existir.

Em consequência, as BR juntam uma terceira frente activa às duas que a haviam composto até aí. Assim, às frentes logística e fabril, vem-se a juntar a frente de luta contra a

⁵⁴ Caselli, Gian Carlo, e Donatella Della Porta, (1991) “*Violence and institutionalization after the italian protest cycle*”, em Raimondo Catanzaro (org.), *The Red Brigades and Left Wing Terrorism in Italy*, Londres, Pinter Press

⁵⁵ Idem

contra-revolução. Esta frente vem-se a tornar o motor da nova fase de ataque ao coração do estado.

Os últimos sequestros ocorridos na fase anterior já haviam sido bem mais ambiciosos que os primeiros, tendo passado de simples sequestros dentro do espaço físico da empresa, para passarem a ser raptos bem mais organizados com o objectivo de extrair informações, sendo que depois, as vítimas eram libertadas. Num dos casos, o chefe de pessoal da FIAT retido durante 10 dias e interrogado por Renato Curcio.⁵⁶

A passagem para esta nova fase de ataque ao estado dá-se com a operação mais ambiciosa executada pelas BR até ao momento, o rapto de um juiz, Mario Sossi, entrando assim também em guerra directa com o aparelho judicial. As BR pediam a libertação dos seus companheiros encarcerados, assim como a obtenção de salvo- condutos para estes.

O rapto deste juiz marcou também o início de uma espiral, em qual o movimento se tornou claramente mais violento, levando esta espiral a que, numa acção contra militantes de extrema-direita, em Pádua, as BR assassinassem dois desses elementos. O comunicado das BR referia que as mortes haviam ocorrido por acidente, embora admitindo que, daí para a frente, as brigadas se viam com legitimidade para responder à brutalidade fascista em nome do proletariado.⁵⁷

Em seguida, deu-se a passagem para os homicídios premeditados, sendo o primeiro destes alvos o procurador de Génova, Francesco Coco, que havia sido um dos mais veementes defensores da aplicação de mão pesada contra a ameaça crescente das BR. Este foi assassinado, juntamente com os seus guarda-costas, levando a que a espiral de violência se tornasse, de vez, numa guerra contra as instituições do estado.

O estado, desta feita, respondeu de uma forma mais clara, encarregando o General Della Chiesa, oficial dos Carabinieri, de encetar e dirigir a luta contra o movimento terrorista. É então efectuada uma reestruturação na forma de combate ao terrorismo. Os serviços secretos também tiveram um papel maior nesta altura, sendo que foi aqui que a política de tentar introduzir informadores dentro destas organizações começou a ganhar mais força.

Em 1974, Curcio é preso, conjuntamente com outro novo membro, de seu nome Silvano Girotto, que os outros brigadistas vieram depois a descobrir, ou pelo menos associar a um

⁵⁶ 9 Montanelli, Indro e Mario Cervi (1991) *L'Italia degli anni di piombo*, Milão, RCS Libri

⁵⁷ Caselli, Gian Carlo, e Donatella Della Porta, (1991) “*Violence and institutionalization after the italian protest cycle*”, em Raimondo Catanzaro (org.), *The Red Brigades and Left Wing Terrorism in Italy*, Londres, Pinter Press

informador. Pouco tempo depois da prisão de Curcio, em Setembro desse mesmo ano, Girotto é morto pelas BR, tendo sido enviado um comunicado à agência noticiosa ANSA, reivindicando o homicídio.

No cárcere, Curcio gozava de uma grande liberdade, mantendo uma enorme capacidade de manutenção dos contactos com o exterior, o que o permitiu manter contacto com os outros membros da organização ainda em liberdade. Cagol preparou então a libertação de Curcio, num golpe de mão, o que aconteceu em 1975, tendo este sido libertado.

As BR dedicaram-se, a partir daí, a uma série de raptos, de forma a conseguirem obter resgates, dado que a situação financeira do movimento era bastante má nesta altura. Em sequência de um desses raptos, aquele que envolveu um produtor de bebidas, as autoridades descobrem um esconderijo, e no decurso do tiroteio entre as autoridades e membros das BR, Margherita Cagol foi morta a tiro.

No início de 1976, Curcio foi recapturado, marcando o fim desta segunda fase, e quase que o fim das BR, que nesta altura, estavam reduzidas a poucos operacionais, e encontravam dificuldades de recrutamento, devido à muito maior vigilância existente. De acordo com Indro Montanelli, esta fase marcou o fim das velhas Brigadas Vermelhas, e o nascimento de umas novas Brigadas Vermelhas.⁵⁸

Nesta altura, as BR passaram à sua terceira fase, sendo reorganizadas pelos militantes ainda em liberdade, de forma a criar um Partido Comunista Combatente, o qual procuraria ser o prelúdio de uma revolução popular, tendo como objectivo desencadear uma guerra civil, que tinha como objectivo final derrubar o estado.

Assim sendo, a estrutura directiva teve de ser modificada, tendo os elementos no exterior ganho poder, relativamente ao velho núcleo central, que constituíam o antigo Comité Executivo, agora encarcerado. Os antigos membros mantiveram as suas posições, embora as decisões fossem agora tomadas pelos membros no exterior, nomeadamente por Mario Moretti.

Esta fase transformou as BR num organismo mais feroz, enveredando pela tal estratégia de destruição, como Caselli e Della Porta classificaram esta fase. Os alvos estatais mais definidos levaram as BR a cometer uma série de homicídios, tanto contra dirigentes industriais, como contra membros dos aparelhos judicial e policial, numa escala que fez com

⁵⁸ Montanelli, Indro e Mario Cervi (1991) *L'Italia degli anni di piombo*, Milão, RCS Libri

que as BR fossem o grupo terrorista europeu que tenha estado envolvido em maior número de incidentes.⁵⁹

No ano de 1978, deu-se o acontecimento mais marcante na história deste movimento, o rapto do Primeiro-Ministro Aldo Moro. Este acontecimento veio a marcar a história do país, assim como a história do movimento em si. A decisão de executar o primeiro-ministro foi uma decisão que criou enormes divisões dentro as próprias BR.

A estratégia de tentar maximizar os danos do inimigo, nesta circunstância, teve um efeito nocivo para a própria organização, e não conseguiu criar nenhuma empatia em nenhum dos outros grupos armados italianos, nem de criar um clima que pudesse conduzir a um ambiente de guerra civil, decidido aqui cada vez mais fora da fábrica, o ambiente, em resoluções estratégicas internas, as quais começaram a sofrer de uma circunstância que muitas vezes acaba associada aos grupos clandestinos, que é a perda de contacto com a realidade.

O assassinato de um sindicalista, Guido Rossa, no início de 1979, marca o fim desta fase na vida das BR, sendo que o pouco apoio real que as BR tinham no meio operário desapareceu de vez. O número de deserções aumentou exponencialmente, sendo que a capacidade de recrutamento quase que desapareceu, com a crise do protesto da juventude

A perseguição por parte das autoridades também causou muitos danos, encaminhando o movimento numa luta pela sua sobrevivência. Nesta fase as BR haviam perdido claramente a sua ligação ao movimento operário, entrando a partir daqui na luta pela sobrevivência, acabando mesmo por ter de se dedicar a pequenas acções de banditismo, de forma a conseguir obter recursos financeiros.⁶⁰

Outra questão que levou a que as BR, tal como o resto do terrorismo esquerdista em Itália, se comesçassem a desintegrar foi a legislação aprovada pelo estado italiano e que serviu para convencer alguns terroristas a parar. O estado encorajava assim estes operacionais a abandonarem os grupos, sendo que poderiam assim beneficiar de penas inferiores.

Isto levou ao nascimento dos estatutos de arrependido e desassociado. No caso dos arrependidos, o estatuto implicava a colaboração com as autoridades, provando que se queria mesmo voltar atrás, recebendo penas bastante reduzidas. No caso dos desassociados, isso

⁵⁹ Della Porta, Donatella (1995) *Social Movements, Political Violence and the State: A comparative analysis of Italy and Germany*, Cambridge, Cambridge University Press

⁶⁰ Caselli, Gian Carlo, e Donatella Della Porta, (1991) “*Violence and institutionalization after the italian protest cycle*”, em Raimondo Catanzaro (org.), *The Red Brigades and Left Wing Terrorism in Italy*, Londres, Pinter Press

permitia encontrar uma saída através da desistência da militância, uma saída que permitia alguma redução da pena, e uma hipótese de se desligarem da luta armada.⁶¹

A partir de 1980-81, o apoio às BR diminuiu muito, e o grupo começou a demonstrar sinais de quezílias internas entre diversas facções, as quais se culpabilizavam umas às outras pelo que se encontrava a acontecer com o movimento. Uma facção mais ortodoxa, defendia que o movimento se havia afastado das suas raízes, acabando por se tornar uma estrutura distanciada da realidade da luta. Outras facções acusavam esta de ligações a movimentos operários já inexistentes e de *stalinismo*. Estas divisões internas acabaram por vir fraccionar as BR, levando ao início da sua implosão.

Na fase subsequente, as BR encontraram-se muito mais isoladas, tendo perdido a maioria dos seus apoios, pese embora terem conseguido levar a cabo bastantes atentados, que visavam especialmente funcionários do sistema judicial e policial, pese embora terem actuado também contra personalidades norte-americanas na Itália, incluindo o rapto do General James Dozier, em 1981, o qual acabou por ser resgatado com vida pela unidade de elite policial NOCS.

As Brigadas Vermelhas acabaram por se diferenciar da maioria dos grupos similares, a RAF, por exemplo, por escolherem, colocar uma muito maior ênfase em raptos e homicídios, como método de actuação, ao invés de atentados com engenhos explosivos, os quais eram tão típicos de outros movimentos similares da mesma altura.

Na década de 80, as BR foram afectadas pela cisão entre dois grupos, as BR-PCC, Partido Comunista Combatente, que era a facção principal, mais militarista, sendo também conhecida como a primeira posição, que defendia que o grupo devia funcionar como uma vanguarda de elite revolucionária, a qual guiaria as massas na direcção da revolução. Esta facção era a que estava do lado de Mario Moretti, que chegou à liderança das BR após a prisão de Curcio e Franceschini.⁶²

A segunda facção era conhecida como BR-UCC, União dos Comunistas Combatentes, também conhecida como a segunda posição, a qual defendia uma luta armada revolucionária descentralizada, a qual seria levada a cabo pela vanguarda revolucionária, simultaneamente à

⁶¹ Ferracuti, Franco (1990) *"Ideology and Repentance: Terrorism in Italy"*, em Walter Reich (ed.), *Origins of Terrorism*, Washington, Woodrow Wilson Center Press

⁶² Alexander, Yonah e Pluchinsky, Dennis (2000) *Europe's Red Terrorists*, Londres, Frank Cass Publishing

tentativa de politização e subsequente envolvimento das massas. Esta facção era apoiada pelo lado mais tradicionalista das BR, nomeadamente pela liderança encarcerada.⁶³

As BR continuaram a existir, durante a década de 1980, sendo obrigadas a diminuir cada vez mais as acções, tendo agora uma muito maior ênfase na sua necessidade de sobrevivência, o que levou a que recorressem a diversos expedientes para conseguirem financiamento, dado que por esta altura, qualquer pensamento de obterem solidariedade, pela não condenação das massas dos seus actos, já não existia.

Entre as duas facções, as BR-PCC ainda tentaram ensaiar a entrada na proposta frente internacional anti-imperialista, tendo-se envolvido em discussões com a RAF alemã, nesse sentido, embora nada se tivesse materializado formalmente, apesar da solidariedade existente entre os dois grupos. Pelo contrário, as BR-UCC sempre se mantiveram claramente orientadas para a questão doméstica, não mostrando interesse de se aliarem internacionalmente.⁶⁴

Em 1988, uma nova onda de prisões levou a que as BR fossem novamente fortemente atingidas, sendo na prática neutralizadas as suas acções, dado que já existiam muitos poucos elementos no exterior para continuar a luta. Em 1987, Curcio e Franseschini haviam admitido, num dos seus comunicados, que davam por terminada a sua experiência nas BR.

4.2 O Terrorismo Difuso

Embora as Brigadas Vermelhas tenham sido claramente o grande movimento terrorista de esquerda em Itália, existiram também um conjunto de outros pequenos grupos que também empreenderam algumas acções violentas, que deixaram também a sua marca no período dos anos de chumbo.

Os movimentos de protesto extra-parlamentares italianos criaram um sem número de movimentos, os quais por sua vez criaram um grande número de milícias, as quais actuavam sobre um grande número de siglas, o que faria com a enumeração de todos estes grupúsculos

⁶³ Idem

⁶⁴ Idem

fosse uma tarefa dotada de um certo grau de impossibilidade, dada a ténue margem entre legalidade e ilegalidade em que muitos destes grupos se encontravam.

Ao contrário das BR, que se tinham tornado num movimento terrorista estratégico, com estruturas clandestinas e organizadas, mantendo estruturas directivas fortes, estes movimentos formaram aquilo que em Itália se chamou de terrorismo difuso, o que nasceu como consequência do clima de violência existente na altura. No entanto, há que mencionar um outro grupo que acabou por ser bastante mais violento do que os outros, na amplitude dos seus actos.

O segundo maior destes grupos foi a Prima Linea, que acabou também por ser em grande medida uma antítese das BR. Nascida de uma cisão de elementos da Lotta Continua e do Potere Operario em 1976, a Prima Linea foi fruto de uma revista publicada por elementos ligados a essas organizações de seu nome Senza Tregua. Num congresso dessa revista foi decidido criar uma estrutura militar que deu origem à Prima Linea.⁶⁵

A ideologia da Prima Linea era bastante mais vaga também, renegando o terrorismo e a tónica excessivamente formal das BR e, considerando-se um componente de vanguarda das massas, que procurava a dissolução progressiva do estado.

Ao contrário das BR, a Prima Linea mantinha uma existência semi-clandestina, sendo que os seus membros mantinham os seus nomes, viviam no meio da sociedade em geral, e tinham uma estrutura muito mais difusa e simplificada e, na primeira fase, uma muito maior facilidade de recrutamento, o que levou a uma primeira onda de detenções em 1977.

Este grupo teve uma duração bastante curta, uma vez que os seus principais líderes, Roberto Sandalo e Marco Donat Cattin foram detidos em 1980, o que levou a uma cimeira da formação que acabou por se dissolver, tendo alguns operacionais ainda activos procurado juntar-se às BR. No entanto, apesar da sua curta duração, a Prima Linea ainda conseguiu cometer perto de 20 homicídios.

⁶⁵ Andrade, John, (1999) Acção Directa: Dicionário de Terrorismos e Activismos Políticos, Lisboa, Huguin

CAPÍTULO V

ANOS 80: A DÉCADA DO EUROTERRORISMO

A década de 1970 trouxe consigo a emergência de novas democracias na Europa do Sul. Assim, Portugal regressou à democracia após o golpe de estado de 25 de Abril de 1974, ao que se seguiu um processo revolucionário, que decorreu na primeira fase da transição democrática, tendo o mesmo acabado por ser parado após a eleição de uma Assembleia Constituinte, que viria a aprovar a nova constituição, e encaminhar o processo de transição democrática rumo a um regime democrático de tipo ocidental.

No caso da Espanha, a morte do ditador Francisco Franco, e a sua substituição pelo Rei Juan Carlos levou a que se começasse uma transição democrática conseguida através de um pacto de regime, a qual levou a uma democracia aliada com o ocidente.

No sudeste da Europa, a Grécia e a Turquia acabaram também por ver as suas chefias militares iniciarem processos de transição democrática, levando a que estes países, que já faziam anteriormente parte da NATO, e que já eram claramente alinhados com o ocidente, caminhassem na direcção do multipartidarismo.

Uma curiosidade que pode ser referida é que a ditadura dos coronéis grega foi derrubada por um novo golpe militar, que iniciou a transição democrática, em consequência à forte repressão dos protestos dos estudantes universitários, que acabaram com a brutal repressão dos protestos no Politécnico de Atenas, a 17 de Novembro de 1973, em qual vários estudantes perderam a vida.

A década de 1980 começou com um momento de alguma contracção económica na Europa, para além de se dar um arrefecimento das relações Este Oeste, o que originou planos para a instalação de mísseis termonucleares de médio alcance Pershing, os quais ficariam estacionados na Alemanha Federal e Bélgica.

Estes mísseis causaram uma onda de protestos, os quais se juntaram aos protestos já existentes na altura, resultantes de novos movimentos aparecidos na década anterior, como os movimentos ambientalistas, que se haviam tornado um dos novos focos de contestação, sendo um dos claros herdeiros dos movimentos de protesto estudantil que existiram na Europa na década de 1960.

A isto juntou-se o aparecimento da Iniciativa de Defesa Estratégica, SDI, conhecida entre o público em geral como Guerra das Estrelas, um plano de defesa contra ataques de mísseis

balísticos, o qual era visto como mais uma prova do Roll-back imperialista verificado nos Estados Unidos, durante a administração Reagan.

No entanto, os movimentos terroristas vindos da década anterior, na Alemanha Federal e Itália não haviam desaparecido por inteiro, tendo aliás vindo a ganhar uma nova força. A estes vieram-se a juntar mais movimentos, que começaram a aparecer durante a década anterior, tanto nos regimes que estavam a experimentar transições democráticas, como também em França e na Bélgica, dando origem ao receio de que estes movimentos se espalhassem e criassem um ambiente de desordem social forte, o qual poderia convir ao bloco de leste. Neste momento, foi dado ao conjunto destes movimentos o nome genérico de euroterroristas.

A ameaça Euroterrorista⁶⁶ foi uma possibilidade apontada por muitos analistas, durante a década de 1980, marcada, na sua primeira metade por um novo arrefecimento das relações este-oeste, e onde estes movimentos poderiam ser vistos como uma vanguarda de um possível conflito, isto é, uma primeira vaga que poderia vir a ser utilizada pelas forças do Pacto de Varsóvia como uma estrutura auxiliar, numa altura em que a ameaça do confronto entre os blocos vir a descambar num conflito global, era ainda algo muito temido pelos cidadãos.

Todos estes movimentos acabam por ser uma consequência, em maior ou menor escala, do movimento de protesto enraizado no final da década de 60, quer fossem estes protestos dirigidos contra o imperialismo e a exploração ocidental, quer a nível nacional, quer na associação dos países com os Estados Unidos.

A estes movimentos de protesto juntaram-se as franjas mais radicais dos movimentos de protesto da Europa do Sul, os quais nasceram de anteriores organizações, que já anteriormente haviam trabalhado em situações de clandestinidade, podendo ser esta parcial ou total, tendo como objectivo organizar a oposição aos regimes autoritários, e também consideravelmente mais repressivos do que as democracias europeias, que se encontravam no poder nos seus respectivos países.

⁶⁶ Alexander, Yonah e Pluchinsky, Dennis (2000) *Europe's Red Terrorists*, Londres, Frank Cass Publishing

5.1 Uma definição de Euroterrorismo

O período áureo do terrorismo de esquerda na Europa Ocidental foi o início da década de 80, onde existiam movimentos activos em pelo menos 8 países, 8 países, se for incluída a Turquia, esse país que serve de certa forma como linha de fronteira entre a Europa e o mundo muçulmano. Esses movimentos eram a Facção do Exército Vermelho (RAF), na Alemanha Federal, as Células Comunistas Combatentes (CCC), na Bélgica, os Grupos Revolucionários Antifascistas Primeiro de Outubro (GRAPO), em Espanha, A Acção Directa (AD), em França, a Organização Revolucionária 17 de Novembro (EO17N) muitas vezes abreviada só como 17N, na Grécia, as Forças Populares 25 de Abril (FP-25), em Portugal e a Esquerda Revolucionária (DEV SOL), na Turquia.

A década de 1980 foi assim a década por excelência deste fenómeno, que teve o seu pico entre 84 e 87, quando foi feita a tentativa falhada de estabelecer uma frente internacional, a qual veio a fracassar, devido a desacordos entre os diversos movimentos, mas também por causa de parte dos mesmos terem sido neutralizados pelas autoridades dos respectivos países.

Estes movimentos tinham uma série de elementos em comum, pese embora também tivessem uma série de questões nacionais que os dividiam, sendo de qualquer forma vistos na altura pelos especialistas contemporâneos, como um risco, nomeadamente pela capacidade muitas vezes detida pelos mesmos, de mesmo de sem grandes contactos ou alianças, mostrarem solidariedade entre os diversos movimentos, muitas vezes realizando acções que se aproximavam das realizadas por vários grupos similares.⁶⁷

Um exemplo disso dá-se com a sequência de ataques, mesmo se sem gravidade, que se dão em diversos países contra instalações da NATO, em consequência do atentado bombista perpetrado pela RAF, contra a base norte-americana de Rhein-Mein, na Alemanha Federal.⁶⁸ Dado que, embora a comunicação entre parte destes movimentos não ser sempre constante, sendo alguns claramente mais focados nas suas questões nacionais e mais desalinhados, no contexto internacional, alguma informação passava sempre, o que acabaria sempre por encorajar acções entre diversos círculos militantes.

Estes movimentos circulavam normalmente próximos de meios universitários, ou outros meios esquerdistas desalinhados do sistema político, estando normalmente próximos, ou na

⁶⁷ Idem

⁶⁸ Vague, Tom (1998) *Televisionaries: The Red Army Faction Story*, Glasgow, AK Press

origem de jornais e publicações semiclandestinas, as quais serviam muitas vezes como órgãos oficiais destes movimentos.

O comunicado, que era muitas vezes divulgado através destas publicações, sendo outras vezes feita a reivindicação para um ou mais órgãos, era uma das grandes formas de comunicação destes movimentos. Para além desta havia a colocação de panfletos e cartazes, e mesmo a impressão, de forma clandestina.

Estes movimentos detinham também outras formas de comunicação com o público. Assim, para além do comunicado de ataque, que era utilizado para reivindicar um ataque, existia também o comunicado de comentário, que se referia a um acontecimento, e o tracto estratégico, documentos mais longos, que se referiam a estratégias, membros apoios, e afirmação das credenciais do grupo, perante os outros grupos, assim como perante o resto da sociedade.⁶⁹

Entre as semelhanças que eram claramente visíveis entre estes movimentos estavam diversas questões tácticas, nomeadamente nos alvos escolhidos, que normalmente representavam sempre alvos relacionados com o imperialismo, ou contra a sociedade capitalista, desde as acções maiores, que envolviam atentados bombistas, até a acções mais pequenas, as quais poderiam passar por fogos postos, ou vandalismo organizado.

Os ataques realizados por estas organizações eram sempre reivindicados pelas mesmas, sendo que as mesmas não se costumavam responsabilizar por actos que não haviam cometido. A maioria dos ataques eram reivindicadas através de comunicados, muitas vezes publicados pelos órgãos de informação clandestinos, associados a estes movimentos, sendo que outras vezes eram enviados para órgãos informativos oficiais, mas sempre de forma a maximizar o efeito político dos mesmos.

Os alvos escolhidos eram sempre escolhidos de uma forma bastante precisa, sendo a generalidade dos ataques planeados antecipadamente, e sendo que a maioria dos ataques tinham como objectivo infligir o mínimo possível de danos colaterais, dirigindo-se essencialmente aos alvos principais, sendo que em muitos casos, o objectivo era maximizar os danos, com o mínimo de baixas e danos colaterais.

Esses alvos podiam militares, nomeadamente interesses da NATO ou bases norte-americanas. Muitos destes atentados, que foram mais frequentes na Alemanha Federal, eram reivindicados em nome do poder excessivo detido pelos Estados Unidos na Europa no

⁶⁹ Alexander, Yonah e Pluchinsky, Dennis (2000) Europe's Red Terrorists, Londres, Frank Cass Publishing

período, assim como a continuação do modelo imperialista que isso significava. As constantes intervenções militares americanas, como ocorreram na Líbia, ou nas operações de patrulha no Índico, em consequência da primeira guerra do Golfo, também contribuíam para isso. As intervenções militares francesas em África, como aconteceu, por exemplo, no Chade, também levaram a que o aparelho militar francês se tornasse um alvo potencial.

Outra hipótese eram ataques dirigidos contra elementos do aparelho policial e do aparelho judicial do estado, que costumavam ser homicídios ou tentativas de homicídio, as quais eram normalmente despoletadas como castigos contra estas pessoas ou o aparelho em si, pelo seu papel repressivo contra as actividades destas organizações. Assim, acabaram por ocorrer atentados dirigidos contra diversos juizes, responsáveis de serviços prisionais, ou altos funcionários das hierarquias policiais.

Outro tipo de atentados muitas vezes realizado por estes movimentos era aquele dirigido contra alvos económicos, os quais poderiam ser sedes de determinadas empresas, ou repartições bancárias, em determinadas circunstâncias. No entanto, este tipo de atentado podia também ser dirigido contra pessoas, que muitas vezes poderiam ser figuras chave de determinadas empresas ou associações, como aconteceu com presidentes e responsáveis de empresas como a Renault, cujo presidente foi assassinado pela Action Directe, como represália contra a política empresarial. Aqui também existiram atentados contra sedes de empresas, nomeadamente aquelas com ligações à indústria militar.

As necessidades e formas de financiamento destes movimentos obrigavam a, em muitas situações, realizar assaltos a bancos, carrinhas de valores ou outros alvos financeiramente apetecíveis, que estes movimentos designavam de expropriação proletária. Outra forma era através de raptos, como forma de obter resgates, dado que estes movimentos dispunham de poucos recursos financeiros. Como exemplo, uma linha de discurso associada à Acção Directa é de que a AD nunca recebeu fundos da Bulgária, nunca recebeu fundos do KGB, que o auto financiamento é algo que tem de ser procurado, é uma questão histórica. A AD deixava mesmo a pergunta:

*O que é mais criminoso, roubar um banco ou ser dono dele?*⁷⁰

Apesar disso, há autores que admitem terem existido alguns apoios exteriores, embora sendo estes sempre limitados e associados essencialmente a países e organizações próprias,

⁷⁰ Alexander, Yonah e Pluchinsky, Dennis (2000) *Europe's Red Terrorists*, Londres, Frank Cass Publishing

especialmente entre os países árabes, nomeadamente aqueles com governos ligados aos Partidos Baath.⁷¹

Uma vez que Israel também era visto como um inimigo por parte destes movimentos, ou pelo menos, como mais um membro da exploração imperialista internacional, uma associação, que aliás sempre existiu em certos sectores das esquerdas europeias, aos movimentos árabes seculares, poderia ser perfeitamente provável.

Outra característica que os movimentos do Euroterrorismo tinham em comum era a forma como se interligavam com as esquerdas parlamentares, que viam a esquerda tradicional, especialmente no caso dos Partidos Comunistas, que detinham representação parlamentar, fazendo parte do sistema político, especialmente na Europa Ocidental, que sendo partidos rendidos ao sistema, que já não representavam a revolução proletária necessária.

Por outro lado, do ponto de vista destes partidos a posição oficial da maioria destes era de que a violência e o terrorismo não eram o método correcto de mobilizar as massas para a revolução, sendo que a transformação gradual da sociedade era o objectivo, através da participação no sistema político.

Na maioria dos casos, não se verificava a existência de ligações a partidos políticos, pelo menos partidos políticos fortes, com representação parlamentar, sendo que no entanto, existiram alguns casos, nomeadamente nos casos da Europa do Sul, ainda em período de transição democrática, em que haviam braços políticos, associados aos movimentos, casos da FUP, Frente de Unidade Popular, em Portugal, ou do PCE(r), Partido Comunista Espanhol (reconstruído), em Espanha.

Alguns autores consideram estes movimentos como Organizações Comunistas Combatentes, cujo objectivo seria conseguirem evoluir na direcção de um partido comunista combatente⁷², isto é, no sentido de um movimento político que conseguisse evoluir no sentido de poder agir como uma vanguarda do proletariado, um êmbolo que despoletasse as massas a seguirem um modelo revolucionário.

A evolução no sentido de um Partido Comunista Combatente foi algo que nunca nenhum destes movimentos conseguiu almejar, dado que os apoios que conseguiram obter na maioria

⁷¹ Mares, Miroslav, (2007) Extreme Left Terrorism in Contemporary Europe: “from “Comunist Combatant Parties” to Militant Campaigns?”, em Central European Political Studies Review, Disponível em <http://www.cepsr.com/>

⁷² Alexander, Yonah e Pluchinsky, Dennis (2000) Europe’s Red Terrorists, Londres, Frank Cass Publishing

dos movimentos operários, mesmo nos lumpen-proletariados de que, em algumas circunstâncias, estes movimentos se diziam defensores, foi sempre pequeno, tornando o fenómeno do euroterrorismo, num acontecimento bastante limitado, em termos de violência, e da notoriedade as acções e números de baixas que estas causavam.

No caso de captura, existia sempre a tentativa de formação de uma frente prisional, tal como já havia ocorrido na Alemanha Federal, ou na Itália, na década anterior, a qual muitas vezes produzia diversos documentos, a partir do interior da prisão, os quais poderiam servir como guias para os membros no exterior, pese embora a leitura de parte desses textos tenha acabado por contribuir para a neutralização de vários movimentos, especialmente no caso belga, onde o GIA, departamento criado para combater o terrorismo afirmou ter descoberto parte da ideologia destes movimentos, através da leitura de documentos produzidos pelas BR, a partir da prisão, o que levou à neutralização das CCC.⁷³

Uma diferença clara entre o terrorismo de esquerda e o terrorismo árabe, nesta altura especialmente perpetrado por movimentos palestinos tendencialmente seculares era aliás essa. O facto de os terroristas serem cidadãos locais, que constituíam pequenas células locais, organizadas, e vivendo num regime de clandestinidade, ou pelo menos semiclandestinidade fazia com que estes movimentos pudessem articular campanhas prolongadas, com atentados focados em alvos muito específicos, os quais causavam um pequeno número de baixas, ou mesmo apenas grandes danos materiais. Pelo contrário, as acções cometidas por extremistas árabes, teriam necessariamente de ser em menos número, mas de maior envergadura mediática, dando origem a um grande número de baixas e uma muito maior cobertura.⁷⁴

No entanto, existiam sempre diferenças nacionais entre os diversos casos, que não eram exactamente ideologicamente iguais. Isso contribuiu para o claro falhanço das tentativas de criação de uma frente internacional, uma vez que muitos destes movimentos tinham uma ideologia entre o anarquismo e o marxismo-leninismo, sendo que diversas vezes, isso contribuía para a existência de desacordos.

As questões de base dos movimentos, a nível nacional, também diferiam, sendo na maioria dos casos, alicerçadas na luta contra o fascismo foi um factor reclamado pelos movimentos euroterroristas como motivação para os seus actos, tanto aquele que havia sido institucionalizado anteriormente, como conta as reminiscências ainda existentes desse

⁷³ Alexander, Yonah e Pluchinsky, Dennis (2000) *Europe's Red Terrorists*, Londres, Frank Cass Publishing

⁷⁴ Idem

mesmo fascismo, algo que foi especialmente forte nos casos dos países que estavam a operar uma transição democrática. Nomeadamente nos casos de Espanha, Grécia e Turquia, sendo que no caso português, embora a mesma questão se pusesse, havia ainda a particularidade do combate contra o retrocesso verificado, após a revolução de 25 de Abril.

De certa forma, podem-se quase distinguir duas, ou mesmo três tipologias diferentes, correspondente respectivamente aos casos das democracias estabelecidas e das novas democracias, onde os movimentos surgem ainda durante os processos de consolidação da democracia, casos da Península Ibérica e Sudeste europeu.

Se se utilizar uma divisão em três tipologias, poder-se-iam distinguir ainda os casos da Alemanha Federal e Itália, onde os fantasmas do totalitarismo ainda não estavam totalmente desaparecidos, tendo os movimentos terroristas aí existentes reivindicado a existência dessas reminiscências aquando da sua formação, na década de 1970, algo que é muito mais visível no caso alemão do que no caso italiano.

Estes casos seriam assim diferenciados dos casos da Bélgica e França. Pese embora em ambos os casos, combate ao sistema capitalista e ao imperialismo serem comuns, a aproximação feita ao mesmo era ligeiramente diferente.

No caso belga, as CCC reclamam como causa da sua fundação o desejo de lutar activamente contra a depreciação das condições de vida dos cidadãos do país, que haviam perdido mais poder de compra que os seus congéneres ocidentais, para além do aumento do desemprego, consequências de políticas que as CCC consideravam anti-operárias. Numa altura onde as condições sociais se agravavam, o estado belga continuava a alinhar numa aliança militarista, que ameaçava a paz internacional.⁷⁵

No caso da AD, este movimento era movido pelas questões próprio imperialismo francês, o qual era claramente evidente, do ponto de vista do grupo, pelas constantes intervenções de forças francesas no exterior, especialmente no Chade, aquando da altura de formação deste movimento. Para além disso, a AD acreditava de que o reformismo estava a matar a esquerda, através da sua inclusão excessiva, afastando-a da ideia de acção directa.⁷⁶

Isto já havia sido visto anteriormente, durante a década anterior, na Alemanha Federal e em Itália, onde a manutenção de muitos órgãos dos anteriores regimes derrotados na IIª

⁷⁵ <http://www.cellulescommunistescombattantes.be/chronologie.htm>

⁷⁶ Dartnell, Michael Y.(1995) Action Dirécte: Ultra-left wing terrorism in France 1979-1987, Montreal

Guerra Mundial, assim como as situações políticas dos países, eram vistas como motivações para a radicalização violenta.

No entanto, na década de 80, a terceira geração da RAF, já se havia movido numa direcção muito mais anti-imperialista, e especialmente, mesmo que mantendo a sua tradicional postura face à dimensão doméstica da Alemanha Federal.

As BR, que haviam sido o movimento terrorista com mais fortes ligações ao proletariado, tenham perdido uma boa parte desse mesmo apoio, e se encontrassem já na espiral decadente, que levou à cisão em dois movimentos, as BR-PCC (Partido Comunista Combatente) e as BR-UCC (União dos Comunistas Combatentes).

No entanto, nas novas democracias, a mudança de regime levava a que se reclamassem mudanças sociais mais profundas, as quais, nos 3 casos onde a transição foi consequência de um pacto de regime, em que se previa o afastamento de todas as ligações aos anteriores regimes.

E no caso português, onde a transição foi consequência de um golpe, que levou à existência de um processo revolucionário subsequente, a continuação do mesmo, o qual havia sido, na visão da liderança das FP-25, travado após a aprovação de uma nova constituição, e o consequente realinhamento do país com o ocidente.

Nos casos belga e francês, onde não se tinha registado a existência de governos autoritários, salvo durante a ocupação nazi, houve outras justificações para a radicalização violenta, nomeadamente o agravamento das condições sociais, e a pioria das condições de vida, no caso belga, para além da questão da instalação dos mísseis termonucleares de médio alcance Pershing, o que demonstrava mais um passo do imperialismo militarista americano e a sua influência sobre o ocidente. A instalação destes mísseis, conjugado com os aumentos de orçamentos da defesa, consequência de um novo arrefecimento das relações este-oeste.⁷⁷

No caso francês, onde o protesto político sempre havia sido bastante forte, a AD nasce como consequência de grupos militantes prototerroristas existentes anteriormente, desde a década anterior. Jean-Marc Rouillan, o seu principal fundador era já um veterano dessas organizações, que já haviam cometido alguns actos desorganizados de violência política.

A AD foi aliás um caso com algumas especificidades, pois para além de ser o movimento que desde o início foi mais claramente alinhado com a tradicional ideia francesa de

⁷⁷ <http://www.cellulescommunistescombattantes.be/chronologie.htm>

gauchismo⁷⁸, foi também um movimento, que acabou por ter mais do que um subgrupo em separado, chegando a existir duas facções separadas em paralelo, a ADi, Acção Directa Internacional, mais orientada para as acções anti-imperialistas a uma escala internacional, e ligada à célula original, formada por Rouillan, Natalie Menigon, Joelle Aubron e Georges Cipriani.

A outra célula, que por comum acordo adoptou o nome AD, era a ADn, Acção Directa Nacional, que se concentrava mais, como o próprio nome indica, em acções dentro do território francês, tendo como objectivo a humilhação interna do estado francês, uma vez que esta célula detinha uma muito maior preocupação com as questões domésticas, vendo a violência como forma de chamar a atenção para as desigualdades existentes na sociedade francesa e para as tentar corrigir.⁷⁹

A ADi, que incluía os membros fundadores da organização, acreditava que as estruturas nas organizações acabavam por ser mais problemas do que soluções, e como tal não se opôs à existência deste segundo grupo.⁸⁰

Assim sendo, movimentos como a RAF, da Alemanha Federal, e a AD, de França pendiam mais na direcção de um anarco-marxismo, ou anarquismo anti-imperialista, enquanto que noutros casos, existia uma deriva marxista-leninista mais forte, nalguns casos mesmo muito ortodoxa, como acontecia com os casos do GRAPO, de Espanha, ou o EO 17N, da Grécia.

No caso da RAF e da AD, as influências da nova esquerda, assim como as próprias questões históricas que se encontravam por detrás da génese destes movimentos, levava a que as tendências anarquistas e anti-imperialistas fossem dominantes, devido ao seu passado, nomeadamente à passagem à luta armada se ter dado a partir da radicalização de movimentos ligados à nova esquerda e aos protestos estudantis, nomeadamente aos grupos autonomistas existentes anteriormente.

As BR, assim como as CCC belgas demonstravam uma maior inclinação para o Marxismo-leninismo, não demonstrando no entanto a ortodoxia de parte dos movimentos vindos das novas democracias, tendo acedido a dialogar com os outros movimentos da Alemanha Ocidental e França.

⁷⁸ Dartnell, Michael Y.(1995) Action Dirécte: Ultra-left wing terrorism in France 1979-1987, Montreal

⁷⁹ Idem

⁸⁰ Idem

O combate a estes movimentos levou a que uma parte significativa deles fosse neutralizada, durante a década de 80. Para isso contribuiu também a existência da TREVI, uma organização que havia sido formada pelos países integrantes da Comunidade Económica Europeia, e que na prática, servia a colaboração entre os diversos ministérios da justiça e interior, servindo assim como veículo de cooperação policial entre os diferentes estados, nomeadamente no que tocava ao terrorismo.

Os governos europeus também reagiram ao problema do euroterrorismo fazendo aprovar leis antiterroristas mais duras, que reforçavam os poderes das autoridades, no caso de se verificarem situações de emergência, que pudessem causar grandes riscos à segurança nacional.

Após os picos de actividade, na metade da década, entre 1985 e 1988, foram presos os principais membros, sendo consequentemente neutralizados os respectivos movimentos na Bélgica, França, Portugal e Itália, sendo que nenhum destes movimentos se tenha conseguido reorganizar, de forma a conseguir criar uma frente prisional forte, que tivesse ligações externas suficientemente poderosas de forma a manter a luta.

Apesar das tentativas de, numa primeira fase, manter essa mesma luta através dos contactos com o exterior, muitos dos membros destas organizações acabaram por se render às evidências da impossibilidade da sua luta. Muitos acabaram por, mais cedo ou mais tarde, renunciar à luta armada, acabando por dirigir as frentes prisionais para conseguir a libertação, reclamando por amnistias, e autodenominando-se prisioneiros políticos dos respectivos regimes.

Em sequência desta onda de prisões, apenas ficaram activos os movimentos na Alemanha Federal, Espanha, Grécia e Turquia. Embora tenham escapado à captura, parte destes movimentos também ficaram mais enfraquecidos, sendo que a RAF ainda esteve activa até à reunificação alemã, acabando por declarar que depunha as armas e ter pedido a libertação dos seus companheiros doentes e encarcerados, em 1992.⁸¹

Apenas os outros 3 movimentos continuaram activos na década de 90, tendo mesmo o DEV SOL sido capaz de se reorganizar e continuar a sua luta, o que se provou pela reorganização que efectuou em 1989, a partir das comunidades emigrantes, especialmente na Alemanha Federal e Países Baixos.⁸²

⁸¹ Vague, Tom (1998) *Televisionaries: The Red Army Faction Story*, Glasgow, AK Press

⁸² Alexander, Yonah e Pluchinsky, Dennis (2000) *Europe's Red Terrorists*, Londres, Frank Cass Publishing

O EO17N também conseguiu manter-se activo até à década de 90, o que revelou a maior capacidade de sobrevivência destas organizações no quadro do sudeste europeu.

Quanto ao GRAPO, embora conseguindo sobreviver, o elevado número de detenções havia limitado em muito os seus quadros, limitando consideravelmente as capacidades dos membros sobreviventes da organização, que se mantinham na lista dos mais procurados, pela justiça espanhola.

Dois outros factores que também contribuíram para o fim deste tipo de movimentos foram a queda do Muro de Berlim, e consequentemente do Bloco de Leste. Pese embora, como se demonstrará no capítulo seguinte, o apoio dado a esses movimentos pelo bloco de leste ter sido, de certa forma, limitado, o fim do bloco de leste representou a queda de a única existência concreta de um modelo político alternativo, mesmo que esse modelo não fosse exactamente o preconizado por estes movimentos.

No entanto, os sobreviventes destes movimentos não viam o fim do bloco de leste como o falhanço do modelo comunista, apenas como o falhanço do modelo stalinista que havia sido implementado. Uma referência clara a isso pode ser encontrada num comunicado de ataque, emitido em 1989, pelo EO17N, onde se lê:

*Primeiro de tudo, o que aconteceu nesses países foi a ruína do stalinismo e não do socialismo. Nós também dissemos no passado que quem estava no poder nesses países não era a classe trabalhadora, mas sim uma aristocracia do partido dos trabalhadores, tecnocrática e burocrática, que se impôs a si mesma à classe trabalhadora com métodos anti-democráticos, violentos e sangrentos.*⁸³

Para além disso, o fim do terrorismo secular árabe, o que levou a que o apoio, tanto a nível financeiro, como especialmente a nível de material, que esses movimentos haviam prestado, ter desaparecido, o que deixou os movimentos do euroterrorismo muito mais isolados, numa fase em que o declínio já era uma presença muito forte. A pressão diplomática, que agora era mais eficaz sobre os países árabes que financiavam estes movimentos também deu resultados, dado que o fim da Guerra Fria criou um quadro global completamente novo, o qual veio a alterar o equilíbrio dos poderes.

⁸³ Alexander, Yonah e Pluchinsky, Dennis (2000) Europe's Red Terrorists, Londres, Frank Cass Publishing

5.2 A Frente Anti-imperialista

Durante o início da década de 1980, era temido por alguns peritos em segurança que as diferentes organizações conhecidas como euroterroristas se pudessem aliar, criando um possível inimigo comum, que atravessaria diversos países, alargando o raio de acção dos mesmos movimentos.

Uma vez que estes movimentos se viam todos a si mesmos como combatentes pela liberdade, inimigos da opressão capitalista e imperialista, a possibilidade de criação de uma frente comum era vista como uma ameaça credível à segurança, e consequentemente, uma probabilidade deixada em aberto.

De facto, na década de 1980, existiram pelo menos duas tentativas de criação de uma Frente Anti-Imperialista, a qual serviria para aliar os meios dos diversos grupos, no sentido de conseguir maximizar a eficiência e coordenar as operações contra o modelo estatal capitalista e as suas ramificações, e de forma a tentar aproveitar a possibilidade de poder existir solidariedade entre os diversos movimentos.

Em 1985, a RAF e a AD tentaram pela primeira vez criar esta frente, convidando outras organizações a juntarem-se. No entanto, mais nenhum dos outros movimentos se quis juntar, sendo que para tal tenham sido alegados factores ideológicos.

As BR encontravam-se ainda na fase de reagrupamento, depois da cisão BR-PCC e BR-UCC, como tal a sua participação não chegou a ocorrer, apesar da existência de contactos, com a facção BR-PCC, dado que a outra facção tinha uma agenda política que se focava apenas nos assuntos internos. No entanto, as BR decidiram não participar.

As diferenças ideológicas entre os vários movimentos começavam a notar-se a partir do momento em que tal iniciativa era tentada, sendo que mais nenhum movimento se quis juntar. Isto foi motivado pela discórdia gerada entre os movimentos como uma maior orientação anarquista e anti-imperialista, como eram a AD e a RAF, face a movimentos que tinham uma orientação mais marxista-leninista, nalguns casos até bastante ortodoxa, como era o caso do GRAPO.

No entanto, a RAF e a AD formalizaram um pacto, em 1985, na sequência do qual, se dá o atentado à base aérea norte-americana de Rhein-Main, a acção mais famosa daí resultante,

de onde resultaram 2 mortes, para além de diversos feridos. Este atentado é reivindicado em nome do Comando George Jackson, antigo líder dos Pantera Negras.⁸⁴

Embora ainda sem existência formal de nenhuma frente, sempre houve diversos sinais da existência do mínimo de cooperação entre os diversos movimentos. Assim sendo, em 1985, ocorreram quase em simultâneo, um ataque das CCC a instalações da NATO, em Bruxelas. Ocorreram também um ataque de morteiro contra fragatas no rio Tejo, e a destruição de diversos veículos de militares alemães, na base aérea de Beja, actos da responsabilidade das FP-25.⁸⁵

Esta solidariedade pontual poderá ter sido o motor das tentativas de criação desta frente, que acabou por nunca se realizar. Durante o período compreendido entre 1985 e 1987, foram presos os quadros de liderança da AD, CCC e FP-25, acabando estas estas organizações por serem desmanteladas, o que dificultou ainda mais qualquer tentativa de formação de tal frente.

As diferenças ideológicas entre os movimentos que eram tendencialmente marxistas-leninistas e aqueles, que como a AD e a RAF demonstravam uma preocupação mais anti-imperialista podiam-se demonstrar numa entrevista dada por um dos membros das CCC, já depois da sua detenção, em que ele dizia:

*Tomemos como exemplo a Action Dirécte. Considerando o desenvolvimento do seu discurso, nós sentimos, em 1983, que existia uma possibilidade de uma unidade política. Os debates provaram que este não era o caso, e que uma lacuna muito grande separava a nossa linha marxista-leninista e a linha anarquista da Action Dirécte. Isso esfriou o contacto.*⁸⁶

No entanto, em 1987, a RAF fez uma nova tentativa, desta vez com as BR-PCC, o único outro movimento ainda activo que se dispôs a participar. No ano seguinte, foi presa toda a liderança das BR-PCC, acabando assim a última tentativa de criação de uma frente comum dos movimentos euroterroristas.⁸⁷

As diversas considerações nacionais também foram um factor que impediu a criação de tal frente, dado que movimentos como o GRAPO ou o EO17N se preferiram concentrar

⁸⁴ Vague, Tom (1998) *Televisionaires: The Red Army Faction Story*, Glasgow, AK Press

⁸⁵ Dartnell, Michael Y.(1995) *Action Dirécte: Ultra-left wing terrorism in France 1979-1987*, Montreal

⁸⁶ Alexander, Yonah e Pluchinsky, Dennis (2000) *Europe's Red Terrorists*, Londres, Frank Cass Publishing

⁸⁷ Alexander, Yonah e Pluchinsky, Dennis (2000) *Europe's Red Terrorists*, Londres, Frank Cass Publishing

essencialmente nas questões domésticas, ao mesmo tempo que a DEV SOL se encontrava em fase de reorganização.⁸⁸

5.3 A cooperação externa

Os movimentos terroristas de extrema esquerda também estiveram em contacto com outro tipo de actores estatais e não estatais, para além dos movimentos similares existentes noutros países. Estes movimentos, pelo menos alguns deles, tiveram contactos com os grupos independentistas, existentes na Europa Ocidental, como o IRA e a ETA, para além de existirem contactos entre alguns grupos e as facções seculares da OLP.

A queda do Bloco de Leste, assim como o fim destes movimentos acabaram por permitir um melhor conhecimento dos mesmos, pondo em perspectiva uma maior motivação interna e questionando o mito da existência de uma internacional terrorista, orquestrada pelo bloco de leste, que incluiria estes movimentos, conjuntamente com alguns movimentos similares latino-americanos, e parte das facções da Organização de Libertação da Palestina, que era a visão normalmente associada à guerra fria, e como tal, defendida por muitos autores da altura.

No entanto alguns artigos mais recentes⁸⁹ apontam que existiu de facto algum apoio, pese embora, limitado por parte do Pacto de Varsóvia, nomeadamente, através dos Serviços de Informação da antiga República Democrática Alemã, a *Stasi*, a qual concedeu pelo menos salvos condutos à passagem dos operacionais alemães ocidentais pelos seu território.

A *Stasi* permitiu também que diversos operacionais dos diversos movimentos da Alemanha Ocidental ir viver para o seu território no fim da década de 70, podendo começar uma nova vida, com novas identidades. Pese embora este facto, estes antigos operacionais sentiram-se bastante monitorizados, tendo a *Stasi* tentado utilizar estes elementos de forma a provavelmente conseguir informações.

Aliás, agentes da *Stasi* terão dito a uma antiga operacional da RAF, Susanne Albrecht, um dos elementos que se encontrava radicada na Alemanha de Leste, em sequência da ajuda da

⁸⁸ Idem

⁸⁹ Mares, Miroslav, (2007) Extreme Left Terrorism in Contemporary Europe: “from “Comunist Combatant Parties” to Militant Campaigns?”, em Central European Political Studies Review, Disponível em <http://www.cepsr.com/>

Stasi, que concordavam com a sua luta anti-imperialista, mas não se podiam envolver de forma activa.

No entanto, após a reunificação alemã, diversos antigos agentes da *Stasi* foram detidos e sujeitos a um inquérito por terem, alegadamente, instruído operacionais da RAF no período entre 1978 e 1984. Estes operacionais teriam sido ensinados a utilizar lança-granadas RPG-7, os quais estariam destinados ao atentado contra o General Haig e um posterior ataque à base aérea norte-americana de Rammstein.⁹⁰

Para além disso, terá havido também algum apoio por parte Serviços de Informação da Checoslováquia, o *StB*, assim como do KGB, pese embora a escala desse apoio tivesse sido sempre limitada, e provavelmente, se dirigisse mais aos países onde os movimentos demonstravam uma maior ortodoxia marxista-leninista.

Depois do processo de democratização, o então presidente da Checoslováquia, Vaclav Havel, entregou aos serviços secretos italianos uma pasta contendo documentação que o *StB* detinha relativamente às BR, o que levanta a hipótese de uma possível ajuda, mesmo que essa ajuda tenha sido bastante limitada.

A forma operacional dos movimentos euroterroristas também criava alguma animosidade em alguns sectores no bloco de leste, devido ao receio que esses regimes tinham relativamente à visão que os operacionais destes movimentos tinham sobre a nomenclatura comunista, assim como o facto desta elite política exhibir na prática hábitos consistentes com a burguesia ocidental, de que estes movimentos eram tão críticos.

Além disso, esse apoio terá sido, maioritariamente, escasso e desarticulado⁹¹, sendo na sua maioria, efémero, e apenas da responsabilidade local deste ou aquele serviço de informações, actuando de forma individual e descoordenada, sendo certo que as motivações destes movimentos também não os deixava sempre de acordo com o Bloco de Leste.

Os movimentos euroterroristas estabeleceram também uma rede de cooperação com parte dos movimentos independentistas existentes na europa, sendo que houve pelo menos envolvimento de pequenas dimensões entre ambos. O IRA e a ETA que eram os

⁹⁰ Vague, Tom (1998) *Televisionaries: The Red Army Faction Story*, Glasgow, AK Press

⁹¹ Idem

movimentos independentistas mais fortes, também exibiam um discurso e uma retórica muito maior preocupação desses movimentos com as questões autonomistas.⁹²

No entanto, há um mínimo de cooperação também com estes movimentos, sendo que, num congresso realizado em Frankfurt, em 1986, onde terão participado membros destes dois movimentos, e a RAF tenha reivindicado um atentado, realizado no mesmo ano, e tendo como alvo o presidente da Associação Alemã de Indústrias Aeroespaciais e de Armamentos com o nome de Comando Patrick O'Hara.⁹³

O IRA e a ETA também tiveram contacto com as FP-25, como se veio a revelar no inquérito efectuado pela Polícia Judiciária portuguesa, no decurso do processo das Forças Populares 25 de Abril. Foram recolhidos indícios de que este movimento terá mantido contactos com estes movimentos, para além de outros movimentos extra-europeus, como o M-19, da Colômbia.⁹⁴

Esta investigação realizada pela Polícia Judiciária demonstra que também existiram contactos com a Líbia e Argélia, sendo que diversas vezes a Líbia foi suspeita de apoiar o terrorismo internacional. Isto poderá levantar uma interrogação sobre os outros movimentos que o regime do Coronel Kadhaffi poderá ter apoiado.

No que se refere a outras ligações existentes, foram já referidas a existência, pelo menos na década de 70, de ligações entre os movimentos terroristas alemães, tanto a RAF, como as RZ e facções da OLP.

Aliás, os quadros originais da RAF haviam recebido treino num campo da Al Fatah, no Iémen, e membros da RAF e das RZ tomaram conjuntamente parte em atentados realizados por grupos palestinianos, sendo provas de tal os casos do golpe de mão contra a sede da OPEP, em 1975, na cidade de Viena, e o sequestro do avião da Lufthansa, em 1977, acontecimentos já mencionados no capítulo 3 desta investigação.

⁹² Mares, Miroslav, (2007) Extreme Left Terrorism in Contemporary Europe: “from “Comunist Combatant Parties” to Militant Campaigns?”, em Central European Political Studies Review, Disponível em <http://www.cepsr.com/>

⁹³ Vague, Tom (1998) Televisionaries: The Red Army Faction Story, Glasgow, AK Press

⁹⁴ Vilela, António José (2005) Viver e Morrer em Nome das FP-25, Lisboa, Casa das Letras

5.4 Um Epílogo

A queda do muro de Berlim e o consequente fim do bloco de leste marcaram o fim de uma década onde o medo de uma IIIª Guerra Mundial tinha aumentado, e onde o esfriamento das relações este-oeste tinha levado a muitos receios de que a situação de segurança piorasse e uma guerra pudesses despoletar.

O fim do Bloco comunista também fez desaparecer a crença no sistema marxista-leninista, pelo menos naquele imediato momento, o que, juntando-se à lenta morte de que haviam sido vítimas os movimentos autonomistas desde a segunda metade da década de 70, levou a que o número de apoiantes, ou simpatizantes da causa deste movimento quase que desaparecesse, e com a juventude afastada das ideias esquerdistas, a base de recrutamento de novos operacionais quase que desapareceu.

A década de 90 veio também a trazer novas estruturas militantes, diferenciadas das anteriores, as quais vieram a ser mais atractivas às juventudes. A forte emergência dos movimentos ambientalistas e de protesto social, sem uma conotação política tão forte também levou a que novas formas de

No fim da década de 1980, a década do euroterrorismo esvaiu-se. As condições políticas, económicas e sociais no continente haviam sofrido uma enorme mudança e, os movimentos terroristas já se tinham tornado muito mais pequenos, com muito menos operacionais, sendo muitos deles procurados pelas autoridades.

Parte dos movimentos haviam sido neutralizados ainda durante a década de 80, devido a operações policiais dirigidas a tal. Assim sendo, em 1985, foi desmantelado o primeiro movimento terrorista de extrema-esquerda na Europa, as Células Comunistas Combatentes, da Bélgica. Isto aconteceu após a prisão da célula central, que se verificou vir a ser formada por apenas 4 pessoas, Pierre Carette, Didier Chevolet, Pascal Vandegeerde e Bertrand Sassoie⁹⁵, permitindo efectivamente neutralizar por completo o movimento. As autoridades belgas ficaram aliás bastante surpreendidas com o facto de o núcleo duro deste movimento ser reduzido a 4 pessoas.⁹⁶

Em sequência disto, começaram a ocorrer mais operações destinadas a desmantelar movimentos noutros países, sendo que em 1987, a polícia francesa conseguiu desmantelar as

⁹⁵ Vague, Tom (1998) *Televisionaries: The Red Army Faction Story*, Glasgow, AK Press

⁹⁶ Alexander, Yonah e Pluchinsky, Dennis (2000) *Europe's Red Terrorists*, Londres, Frank Cass Publishing

secções da Acção Directa, a ADi e a ADn, em operações separadas, mas pondo fim também a este movimento.

No mesmo ano também foram desmanteladas, em Portugal, as Forças Populares 25 de Abril, com a prisão de Otelo Saraiva de Carvalho, o antigo herói da revolução dos cravos, conjuntamente com o núcleo duro da organização, levando a que esta organização também fosse desmantelada.

No ano seguinte, foi a vez de as BR-PCC também verem a sua também liderança detida, e a sua consequente neutralização, tal como as BR-UCC, que também acabaram por seguir o mesmo caminho, levando caminho ao desmantelar das estruturas organizativas destes dois movimentos.

O fim do bloco de leste, e do conflito entre blocos e a existência de uma nova ordem mundial não matou os movimentos de extrema esquerda, os quais continuaram a existir. Este acontecimento fez também desaparecer um possível esconderijo, em países que recusassem a extradição, e expondo os elementos dos movimentos que para aí haviam fugido.

Em 1990, a Alemanha de Leste extraditou os diversos terroristas da RAF, a quem havia oferecido uma vida nova, com identidades novas no país. Estes foram forçados a voltar para a Alemanha Ocidental e serem julgados, o que diminui ainda mais o número de possíveis operacionais da organização.

A RAF ainda realizou alguns atentados, durante a reunificação alemã, chegando mesmo a assassinar o líder da agência destinada às privatizações das antigas empresas estatais da Alemanha de Leste, Detlev Rohwedder, em 1991, como forma de demonstrar que ainda existiam franjas que estavam em desacordo com o capitalismo.⁹⁷

Em 1993, a RAF comunicou, numa carta enviada à agência France Presse, que estava preparada para renunciar à luta armada, pedindo que os companheiros presos já há longos anos fossem libertados. Outro comunicado, este enviado à agência Reuters, em 1998, anunciou a dissolução da organização.⁹⁸

Os outros movimentos que ainda duraram até esta década foram a DEV SOL, o EO17N, e o GRAPO, sendo que todos estes movimentos continuaram a cometer atentados durante esta

⁹⁷ Vague, Tom (1998) *Televisionaries: The Red Army Faction Story*, Glasgow, AK Press

⁹⁸ <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,306977,00.html>

década. Estes movimentos acabaram por sobreviver mais alguns anos, tendo já, no início do século XXI, sido detidos os últimos operacionais activos ainda em liberdade.⁹⁹

Estes movimentos, que eram considerados os de maior ortodoxia marxista-leninista, sendo que o GRAPO demonstrava também uma deriva maoísta, acabaram por ser aqueles a conseguir manter a sua luta durante mais tempo, algo a que as suas raízes em movimentos clandestinos de combate às respectivas ditaduras não terão sido alheias.

Os julgamentos dos diferentes movimentos acabaram por impor condenações muito pesadas às chefias, chegando a serem aplicadas diversas penas perpétuas, na Bélgica, em França, e Itália e na Alemanha, o que criou uma ainda maior falta de esperança e levando a que os poucos operacionais destes movimentos que nunca haviam sido apanhados acabassem por lentamente desistir.¹⁰⁰

Para muitos dos membros ainda em liberdade, a preocupação neste momento era tentarem libertar os companheiros encarcerados, agora já não através da violência, mas sim através de amnistias, reclamando pelo estatuto de prisioneiros políticos dos seus pares.

Após o cumprimento de grandes penas, muitos dos homens e mulheres que haviam sido encarcerados começaram a ser libertados, durante a primeira década do século XXI, ficando ainda algumas questões por resolver, nomeadamente no caso da AD, cujos membros continuavam encarcerados, motivando campanhas de antigos apoiantes de esquerda, de forma a conseguir a sua libertação.

No caso de Portugal, o julgamento das FP-25 também resultou em condenações, sendo que as FP-25 emitiram mesmo, em 1990, um comunicado em que renunciavam à luta armada e pediam uma solução política para o seu caso, tendo sido concedida uma amnistia pelo presidente Mário Soares, em 1996.¹⁰¹

No entanto, o terrorismo de esquerda não morreu totalmente na década de 90. Este fenómeno meramente acabou por se tornar um movimento muito mais pequeno do que era. Os atentados, tanto perpetrados pelos sobreviventes dos grupos originais, como aqueles que são reivindicados por grupúsculos novos, continuaram a acontecer, especialmente em países onde a tradição ficou mais enraizada como a Grécia, Espanha e Itália ou Alemanha.

⁹⁹ Mares, Miroslav, (2007) Extreme Left Terrorism in Contemporary Europe: “from “Comunist Combatant Parties” to Militant Campaigns?”, em Central European Political Studies Review, Disponível em <http://www.cepsr.com/>

¹⁰⁰ Idem

¹⁰¹ Vilela, António José (2005) Viver e Morrer em Nome das FP-25, Lisboa, Casa das Letras

No entanto, muito destes actos foram realizados por novos movimentos, que aparecerem posteriormente, especialmente na viragem do século, muitos dos quais já não tinham ligações nenhuma com os anteriores movimentos, pese embora as a tendência a fazer esses mesmas associações existisse.

No entanto, a altura das organizações clandestinas, com muitos membros e simpatizantes, organizadas para a guerrilha urbana, desapareceu, deixando uma série de novos actores, os quais agem em pequena escala, tendo um acesso muito mais limitado a meios que os possam fazer mais visíveis.

Os novos movimentos que aparecem seriam muito mais facilmente conotados com as segundas linhas das RZ, ou os movimentos terroristas difusos italianos, do que as estruturas organizadas da grande altura das guerrilhas urbanas europeias, mostrando que o terrorismo de esquerda não morreu por inteiro na Europa.¹⁰²

¹⁰² Mares, Miroslav, (2007) Extreme Left Terrorism in Contemporary Europe: “from “Comunist Combatant Parties” to Militant Campaigns?”, em Central European Political Studies Review, Disponível em <http://www.cepsr.com/>

CONCLUSÕES

Concluimos esta investigação, começando por referir que esta acabou por ser focada numa análise mais geral do problema, ao invés de seguir uma metodologia que implicaria uma análise mais detalhada deste ou aquele aspecto dentro do tema, uma vez que é o objectivo deste trabalho permitir dar uma visão global do problema. Conseguimos então elaborar as seguintes conclusões sobre o tema em estudo.

O terrorismo é um fenómeno cuja definição será sempre vaga, e nunca passível de uma só interpretação. Qualquer interpretação deste fenómeno terá sempre um mínimo de conteúdo ideológico, e o fenómeno tem inúmeras variantes, definições e considerações sobre aquilo que o termo realmente representa.

O terrorismo em sociedades democráticas é especialmente importante no caso europeu, tendo-se tornado bastante importante na década de 1970, onde se denotou uma clara ressurgência de violência armada de motivação política

Existiram diversas tipologias de grupos terroristas a operar na Europa neste período, a saber, os terroristas com ligações à causa palestiniana, os movimentos autonomistas ou independentistas de cariz regional, e os movimentos terroristas de extrema-esquerda, com um cariz claramente político, os quais começaram por surgir na Alemanha Federal e em Itália.

Assim sendo, pode-se considerar que o euroterrorismo foi o momento áureo do terrorismo de extrema-esquerda na Europa, em que os movimentos terroristas conseguiram criar fortes estruturas clandestinas de guerrilha urbana, seguindo os princípios anteriormente teorizados na América do Sul, por guerrilheiros como Carlos Marighella e os Tupumaros.

Estes movimentos tiveram a sua origem na década de 1970, com a formação dos primeiros movimentos, na Alemanha Federal e Itália, acabando por se expandir a uma parte significativa dos países do bloco ocidental, nomeadamente Bélgica, França, Grécia, Itália, Portugal e Turquia, criando alguns receios junto das autoridades.

A radicalização do movimento estudantil acabou por se dar devido à repressão policial e também à falta de poder e de voz que esta tinha no sistema político, levando a que as

juventudes estudantis se refugiassem nas organizações extra-parlamentares, as quais também serviram para acelerar o processo de radicalização. A radicalização é maior, dá-se mais cedo, e é mais importante na Alemanha Federal e na Itália, devido a questões específicas de cada um destes países.

A Europa voltou a encontrar o caminho da estabilidade e da prosperidade após o segundo conflito mundial. Neste momento, as sociedades tinham procurado atingir consensos nacionais, no sentido de a estabilidade política manter o equilíbrio de forças vigente.

A década de 1960 foi uma década muito conturbada do ponto de vista universitário, com uma grande quantidade de discussões sobre os acontecimentos que moldavam a situação mundial nesta altura, tendo aparecido uma série de novos factores, como os conflitos independentistas, ou o conflito do Vietname, sobre os quais as universidades eram fóruns de discussão.

No caso da Alemanha Federal, a geração estudantil era na sua quase totalidade constituída por pessoas nascidas no fim, ou imediatamente após a IIª Guerra Mundial, manifestando uma enorme incompreensão para com as razões pelas quais a geração anterior havia permitido a chegada ao poder de Hitler, e como haviam conseguido os alemães alinhar com o ditador, nos seus propósitos.

Para além disso, a Alemanha Federal havia herdado uma geração de funcionários públicos empresários que havia colaborado com o regime nazi, o que aumentava as suspeitas de que o regime se reencaminhava para uma supressão da democracia, especialmente durante os anos da Grande Coligação, os quais foram coincidentes com o período de nascimento dos movimentos terroristas de extrema esquerda.

No caso de Itália existia uma esquerda tradicional forte e organizada, a qual tinha uma importante participação no sistema político. No entanto, a confiança dos sectores, já ligados à esquerda extra-parlamentar, no sistema político italiano foi fortemente minada pelo caso da Piazza Fontana, que criou repercussões enormes no país.

Os protestos estudantis tornaram-se muito mais importantes, devido ao afastamento entre os estudantes e o sistema político, tendo aparecido um conjunto de movimentos de oposição fora do consenso, com fortes ligações estudantis.

A forte repressão que ocorreu contra os protestos, nomeadamente em Itália e na Alemanha Federal levou a que sectores dos movimentos estudantis se radicalizassem, contra o fascismo instituído, por parte do estado, e comesçassem a reivindicar o direito à autodefesa.

Para além disso, a competição interna existente entre os diversos movimentos da esquerda extra-parlamentar, levou a que a radicalização dos mesmos acabasse por dar origem à violência, em sequência da qual vieram a nascer as Brigadas Vermelhas, e também os outros pequenos grupos de terrorismo difuso.

Os casos alemão e italiano, embora tendo bastantes parecenças tiveram também as suas diferenças.

No caso da Alemanha Federal, o movimento teve conexões mais fortes com os sectores universitários, exibindo uma orientação de origem marxista, mas com raízes na classe média, apesar de ter granjeado apoios noutros sectores da população, chegando mesmo quase que a existir, nos início da década de 70, uma certa fantasia pelos terroristas, pelo menos no caso da Facção do Exército Vermelho, o que também foi motivado pelo conjunto de personagens que estavam na liderança do movimento.

A fantasia que existiu na Alemanha Federal relativamente aos terroristas terá partido da complacência a que uma boa parte dos trabalhadores haviam chegado, face a terem almejado já algum nível de bem-estar.

A Facção do Exército Vermelho tornou-se o principal movimento terrorista alemão. No início uma franja da população foi muito compreensiva para com as motivações deste grupo, sendo que houve mesmo um fascínio pelo mesmo.

O grupo teve três gerações principais, sendo que a primeira foi quase toda detida em 1972. Isto motivou a segunda geração a tentar um conjunto de acções violentas, de forma a tentar a libertação destes.

Este movimento foi o grande movimento de guerrilha urbana alemã, abraçando a clandestinidade, e conseguindo ter uma longevidade bastante grande, sobrevivendo aos suicídios dos seus fundadores, em sequência de um processo envolto em polémica.

A Alemanha Ocidental também teve outros movimentos terroristas de esquerda, nomeadamente o B2J e as RZ, os quais também contribuíram para os números do terrorismo de esquerda na Alemanha Ocidental.

No caso italiano, a emergência dos movimentos terroristas, especialmente das Brigadas Vermelhas, teve uma origem com muito mais ligações proletárias, sendo que o número de elementos recrutados entre o operariado era bem maior do que aquele existente na Alemanha Federal.

As questões laborais foram então um motor maior na caso italiano, onde a existência de um proletariado muito mais activo e menos conformista levou a que este tivesse uma

participação naquilo que seria suposto ser a sua vanguarda armada, pelo menos enquanto as Brigadas Vermelhas fossem vistas como uma representação dos mesmos.

A Itália foi muito afectada pelos acontecimentos da Piazza Fontana, os quais criaram uma enorme desconfiança entre sectores esquerdistas e o estado. Isto foi devido aos contornos do caso e ao receio de servir de desculpa para um golpe, quase palaciano da extrema direita, ou de elementos afectos a ela.

As Brigadas Vermelhas nascem de uma série de grupos activistas, os quais têm tanto origem em sectores proletários, como em sectores universitários. A fábrica e as suas condicionantes são a primeira fase da luta das BR.

Na segunda fase, as Brigadas Vermelhas começam a evoluir para alvos mais importantes, realizando um crescendo de violência, o que leva o movimento a cometer homicídios e, a entrar definitivamente na guerrilha urbana.

Na sua terceira fase, as Brigadas Vermelhas tentam evoluir um partido comunista combatente no intuito de travar uma guerra com o estado. Aqui cometem a sua mais importante façanha, raptar e posteriormente assassinar o Primeiro-Ministro Aldo Moro. Isto significa o início da sua decadência.

Até à cisão dos anos 80, as Brigadas Vermelhas travaram uma luta pela sobrevivência, acabando na cisão do movimento, originada pelos fortes desacordos internos existentes nesta fase.

Em Itália existiram também uma série de outros pequenos movimentos armados, criando uma parafernália de siglas, que os próprios italianos designavam normalmente como terrorismo difuso, e que teve na Prima Linea o seu movimento mais importante.

Como vimos, no decurso desta investigação, no momento áureo das guerrilhas urbanas na Europa, o fenómeno estendeu-se a 8 países, Alemanha Federal, Bélgica, Espanha, França, Grécia, Itália, Portugal, sendo também incluída a Turquia, pela sua posição de membro da NATO, e país parcialmente europeu. Esse momento, no qual fenómeno conseguiu a sua expansão máxima, ocorreu a meio da década de 1980.

O termo euroterrorismo começa a ser aplicado ao disseminar de movimentos terroristas esquerdistas na Europa, fenómeno que chega a existir, simultaneamente, em 8 países, se for incluído o caso turco, e que chega a preocupar seriamente as autoridades, pela possibilidade da expansão do fenómeno se tornar um risco sério à segurança.

Todos estes movimentos têm um conjunto de características em comum e pese embora as suas condicionantes nacionais, partilhavam algumas orientações anticapitalistas e anti-

imperialistas comuns, sendo o combate aos aparelhos dos seus respectivos estados, assim como as orientações políticas e económicas destes a base da sua acção.

Estes movimentos tinham algumas divergências ideológicas, sendo que parte deles tinham ligações mais acentuadas à ortodoxia marxista-leninista, como acontecia com os Grupos Revolucionários Antifascistas Primeiro de Outubro, de Espanha ou a Organização Revolucionária 17 de Novembro, da Grécia.

Ao invés destes casos, a Acção Directa, de França ou a RAF, na sua terceira geração, da Alemanha Federal, eram mais apologistas de uma linha anarco-marxista, internacionalista e anti-imperialista.

Relativamente às semelhanças entre estes movimentos nessa altura, há que destacar a organização em comum, em células, as quais já eram bem menos numerosas, e nunca beneficiando da simpatia que haviam granjeado na década anterior. Os movimentos que haviam sobrevivido à década anterior já não conseguiam ter a mesma base simpatizante, enquanto que os novos movimentos, entretanto aparecidos, tinham sempre um pequeno número de simpatizantes, acabando por se centrarem à volta de células relativamente pequenas.

Verificou-se também que existiram algumas diferenças entre os diferentes casos nacionais, nomeadamente o ambiente político em que haviam surgido, o qual variou entre regimes que viviam com os fantasmas de um passado autoritário, casos da Alemanha Federal e da Itália, regimes que haviam experimentado uma transição democrática e em que, as circunstâncias para o ethos destes movimentos se formam.

Para além disso, houve os factores ideológicos, dado que estes movimentos demonstraram serem menos homogéneos, do que, à partida pensávamos. O debate entre marxismo-leninismo e anarquismo também se deu no seio de estes movimentos, assim como as respostas ideológicas aos problemas que enfrentavam.

Outra diferenciação que também se deu foi aquela verificada entre os movimentos que preferiam concentrar-se nas suas questões domésticas, como aconteceu com os casos espanhol, português ou turco, e facções dos movimentos italiano e francês, daqueles que procuravam ao máximo procurar a formação de uma frente internacional, um primeiro passo de um movimento internacional mais amplo, à boa maneira foquista, que a Facção do Exército Vermelho e a Acção Directa tentavam procurar.

Concluimos também que existiram diversas tentativas de forma a criar uma frente internacional, mas estas acabaram sempre por não trazer resultados práticos, devido tanto a

condicionantes ideológicos, como à neutralização de parte destes movimentos, por parte das autoridades policiais.

Existiram de facto tentativas de criação de uma Frente Internacional, sendo que a Acção Directa e a Facção do Exército Vermelho ainda chegaram a aliar-se. No entanto, a constituição dessa frente revelou-se, tanto por questões de divergências entre estas organizações, como pela neutralização de algumas delas, por parte das autoridades policiais.

Chegámos também à conclusão que houve algumas ligações entre, pelo menos parte destes movimentos e o bloco comunista, pese embora, a bibliografia consultada indicar que estas tenham sido relativamente ténues, embora tenham ficado por apurar até onde essas ligações terão ido, ficando esta questão em aberto.

Existiram ligações entre alguns destes movimentos e o Bloco de Leste, tal como existiram com grupos independentistas europeus e palestinianos. As ligações com o bloco de leste são um tema que ficou de certa forma, mal explicado e passível de mais investigação.

No global da investigação concluímos também que a existência de uma ligação directa entre as vagas de protesto, especialmente estudantil, mas em certos países também operário esteve na origem dos primeiros fenómenos que acabaram por se tornar o ponto de partida das guerrilhas urbanas europeias.

Estas vagas de protesto foram originadas pelas condicionantes sociais postas na altura, as quais estavam ligadas com o papel da universidade num mundo em aceleradas mudanças, as quais estavam a complicar a relação entre as gerações, de qual a comunidade estudante era um dos exemplos óbvios, e a estrutura social existente, levando a que a juventude se sentisse afastada e alienada do sistema, começando assim a criar uma série de movimentos fora do consenso do sistema, de cujas franjas radicalizadas haveria de surgir o inimigo interno do regime que foi o terrorismo.

BIBLIOGRAFIA

- Alexander, Yonah e Dennis Pluchinsky (1992) *Europe's Red Terrorists*, Londres, Frank Cass and Company Limited
- Amador, Brian S. (2003) *The Federal Republic of Germany and Left Wing Terrorism – Thesis*, Monterey, Naval Postgraduate School
- Andrade, John (1999) *Acção Directa: Dicionário de terrorismos e activismos políticos*, Lisboa, Huguin editores
- Baudrillard, Jean (2002) *O Espírito do Terrorismo*, Porto, Campo das Letras
- Bauer, Alain e Xavier Raufer (2003) *A Globalização do Terrorismo*, Lisboa, Prefácio
- Bauer, Karin (2008), *Everybody talks about the weather, we don't: The writings of Ulrike Meinhoff*, Nova York, Seven Stories Press
- Catanzaro, Raimondo, ed. (1991), *The Red Brigades and Left Wing Terrorism in Italy*, Londres, Pinter Publishers
- Combs, Cindy e Martin Slann (2002), *Encyclopedia of Terrorism*, Nova York, Facts on File
- Dartnell, Michael Y. (1995) *Action Directe: Ultra Left Terrorism in France, 1979-1987*, Londres, Frank Cass and Company Limited~
- Debray, Régis (1967) *A Revolução na revolução*, Havana.
- Della Porta, Donatella (1995). *Political Violence, Social Movements and the State: A comparative study of Italy and Germany*, Cambridge, Cambridge University Press
- Gayraud, Jean François (1988) “Action Directe: Histoire Politique d’une Organisation Terroriste Combattante” em *Notes & Etudes*, Paris, Centre de Recherche de Menaces Criminelles Contemporaines, Faculté de Criminalité de Paris
- Kinna, Ruth (2005) *Anarchism: A beginners guide*, Oxford, One World Publications
- Kinna, Ruth (2006) *Early Writings on Terrorism*, Londres, Routledge : Athena Press
- Laqueur, Walter (2000) *The New Terrorism: Fanaticism and Weapons of Mass Destruction*, Oxford, Oxford University Press
- Marchueta, Maria Regina (2003) *Reflexões sobre o Terrorismo Internacional*, Lisboa, Edições Duarte Reis
- Mares, Miroslav, (2007) *Extreme Left Terrorism in Contemporary Europe: “from “Comunist Combatant Parties” to Militant Campaigns?”*, em *Central European Political Studies Review*, Disponível em <http://www.cepsr.com/>
- Montanelli, Indro e Mario Cervi (1991) *L’Italia agli anni di piombo*, Milão, RCS Libri
- Parry, Albert (1976) *Terrorism: From Robespierre to Arafat*, Nova York, The Vanguard Press
- Raufer, Xavier (1993) “Brigades Rouges: L’adieux aux Armes”, em *Notes & Etudes*, Paris, Centre de Recherche de Menaces Criminelles Contemporaines, Faculté de Criminalité de Paris

- Raufer, Xavier (1982) “Sur La Clandestinité”, em Notes & Etudes, Paris, Centre de Recherche de Menaces Criminelles Contemporaines, Faculté de Criminalité de Paris
- Raufer, Xavier (1988) “Un Lointain Ancetre allemande de la RAF: Le Armée Rouge de Max Holz, 1920-21”, em Notes & Etudes, Paris, Centre de Recherche de Menaces Criminelles Contemporaines, Faculté de Criminalité de Paris
- Reich, Walter (1990) Origins of Terrorism, Washington, Woodrow Wilson Center Press
- Roberts, J.M. (1996) History of Europe, Londres, Penguin
- Sassoon, Donald (2001) Cem Anos de Socialismo: A Esquerda Europeia Ocidental no Século XX, Lisboa, Contexto
- Schlesinger, Philip (1991) Media, State and Nation: Political Violence and Collective Identities, Londres, Sage
- Schmid, Alex P. e Albert L. Jongman (1988) Political Terrorism, New Brunswick, Transaction Publishers
- Sousa, Manuel Ricardo (1992) Guerrilha no Asfalto: As FP-25 e o tempo português, Coimbra, Fora do Texto
- Torres, Adelino e Adriano Moreira (2004) Terrorismo, Porto, Almedina
- Vague, Tom (1994) Televisionaries: The Red Army Faction Story 1963-1993, Edimburgo, AK Press
- Victoroff, Jeffrey, ed. (2009) The Psychology of Terrorism: Classic and Contemporary insights, Nova York, Psychology Press
- Vilela, António José (2005) Viver e Morrer em Nome das FP-25, Lisboa, Casa das Letras
- Wilkinson, Paul (1978) Political Terrorism, Londres, Macmillan
- Wilkinson, Paul (2011) Terrorism versus Democracy: The Liberal State Response: Political Violence, Londres, Routledge

REFERÊNCIAS

<http://www.action-directe.net/>

<http://www.baader-meinhof.com/>

<http://www.brigaterosse.org/>

<http://www.cellulescommunistescombattantes.be>

<http://www.dw-world.de>

<http://www.el pais.es>

<http://www.sisde.it/gnosis>

ANEXOS

ANEXO A - Comunicado da Facção de Exército Vermelho: Construir um Exército Vermelho, em alemão

ANEXO B – Cartaz Procura-se, Facção de Exército Vermelho

ANEXO C – Folheto das Brigadas Vermelhas

ANEXO D – Cartaz Procura-se, Acção Directa

ANEXO E – Jornal Clandestino, La Flèche et la Cible, Células Comunistas Combatentes

ANEXO F – Mural, Grupos Revolucionários Antifascistas Primeiro de Outubro

ANEXO A

Comunicado da Facção de Exército Vermelho: Construir um Exército Vermelho, em alemão

Die Rote Armee aufbauen!

Genossen von 883 -

es hat keinen Zweck, den falschen Leuten das Richtige erklären zu wollen. Das haben wir lange genug gemacht. Die Baader-Befreiungs-Aktion haben wir nicht den intellektuellen Schwätzern, den Hosenscheißern, den Allesbesser-Wissern zu erklären, sondern den potentiell revolutionären Teilen des Volkes.

Das heißt denen, die die Tat sofort begreifen können, weil sie selbst Gefangene sind. Die auf das Geschwätz der »Linken« nichts geben können, weil es ohne Folgen und Taten geblieben ist. Die es satt haben! Den Jugendlichen im Märkischen Viertel habt ihr die Baader-Befreiungs-Aktion zu erklären, den Mädchen im Eichenhof, in der Ollenhauer, in Heiligensee, den Jungs im Jugendhof, in der Jugendhilfsstelle, im Grünen Haus, im Kieferngrund. Den kinderreichen Familien, den Jungarbeitern und Lehrlingen, den Hauptschülern, den Familien in den Sanierungsgebieten, den Arbeiterinnen von Siemens und AEG-Telefunken, von SEL und Osram, den verheirateten Arbeiterinnen, die zu Haushalt und Kindern auch noch den Akkord schaffen müssen – verdammt!

Denen habt ihr die Aktion zu vermitteln, die für die Ausbeutung, die sie erleiden, keine Entschädigung bekommen durch Lebensstandard, Konsum, Bausparvertrag, Kleinkredite, Mittelklassewagen. Die sich den ganzen Kram nicht leisten können, die da nicht dran hängen. Die alle Zukunftsversprechen ihrer Erzieher und Lehrer und Hausverwalter und Fürsorger und Vorarbeiter und Meister und Gewerkschaftsfunktionäre und Bezirksbürgermeister als Lügen entlarvt haben und nur noch Angst vor der Polizei haben. Denen – und nicht den kleinbürgerlichen Intellektuellen – habt ihr zu sagen, daß jetzt Schluß ist, daß es jetzt los geht, daß die Befreiung Baaders nur der Anfang ist!

Daß ein Ende der Bullenherrschaft abzusehen ist! Denen habt ihr zu sagen daß wir die Rote Armee aufbauen, das ist ihre Armee. Denen habt ihr zu sagen, daß es jetzt losgeht. -Die werden nicht blöde fragen, warum gerade jetzt? Die haben die tausend Wege zu Behörden und Ämtern schon hinter sich – den Tanz mit Prozessen -, die Wartezeiten und -zimmer, das Datum, wo es bestimmt klappt und nichts geklappt hat. Und das Gespräch mit der netten Lehrerin, die die Überweisung an die Hilfsschule dann doch nicht verhindert hat und der hilflosen Kindergärtnerin, wo auch kein Platz frei wurde. Die fragen euch nicht, warum gerade jetzt – verdammt.

Die glauben euch natürlich kein Wort, wenn ihr selbst nicht mal in der Lage seid, die Zeitung zu verteilen, bevor sie beschlagnahmt wird. Weil ihr nicht die linken Schleimscheißer zu agitieren habt, sondern die objektiv Linken, habt ihr ein Vertriebsnetz aufzubauen, an das die Schweine nicht rankommen.

Quatscht nicht, das sei zu schwer. Die Baader-Befreiungs-Aktion war auch kein Deckchensticken. Wenn ihr kapiert habt, was los ist – (und eure Kommentare zeigten, daß ihr was kapiert habt, nur daß ihr selbst 'ne Kugel im Bauch hättet war natürlich opportunistische Scheisse – ihr Arschlöcher), wenn ihr was kapiert habt, müßt ihr den Vertrieb besser organisieren. Und wir werden euch über die Methoden so wenig sagen wie über den Aktionsplan – ihr Torfköpfe! Solange ihr euch schnappen lasst, könnt ihr den Leuten keine Ratschläge geben, wie man sich nicht schnappen läßt. Was heißt denn Abenteuerertum? Daß man sich selbst die Lampen baut. Also.

Was heißt: Die Konflikte auf die Spitze treiben? Das heißt: Sich nicht abschlagen lassen. Deshalb bauen wir die Rote Armee auf. Hinter den Eltern stehen die Lehrer, das Jugendamt, die Polizei. Hinter dem Vorarbeiter steht der Meister, das Personalbüro, der Werkschutz, die Fürsorge, die Polizei. Hinter dem Hauswart steht der Verwalter, der Hausbesitzer, der Gerichtsvollzieher, die

Räumungsklage, die Polizei. Was die Schweine mit Zensuren, Entlassungen, Kündigungen, mit Kuckuck und Schlagstock schaffen, schaffen sie damit. Klar, daß sie zur Dienstpistole greifen, zu Tränengas, Handgranaten und MPs, klar, daß sie die Mittel eskalieren, wenn sie anders nicht weiterkommen. Klar, daß die Gl's in Vietnam auf Guerilla-Taktik umgeschult wurden, die Green-Berretts auf Folterkurs gebracht. Na und? Klar, daß der Strafvollzug für Politische verschärft wird.

Ihr habt klarzumachen, daß das sozialdemokratischer Dreck ist, zu behaupten, der Imperialismus samt allen Neubauern und Westmorelands, Bonn, Senat, Landesjugendamt und Bezirksämtern, der ganze Schweinkram ließe sich unterwandern, nasführen, überrumpeln, einschüchtern, kampflos abschaffen. Macht das klar, daß die Revolution kein Osterspaziergang sein wird. Daß die Schweine die Mittel natürlich so weit eskalieren werden, wie sie können, aber auch nicht weiter. Um die Konflikte auf die Spitze treiben zu können, bauen wir die Rote Armee auf.

Ohne gleichzeitig die Rote Armee aufzubauen, verkommt jeder Konflikt, jede politische Arbeit im Betrieb und im Wedding und im Märkischen Viertel und in der Plötze und im Gerichtssaal zu Reformismus, d. h.: Ihr setzt nur bessere Disziplinierungsmittel durch, bessere Einschüchterungsmethoden, bessere Ausbeutungsmethoden. Das macht das Volk nur kaputt, das macht nicht kaputt, was das Volk kaputt macht!

Ohne die Rote Armee aufzubauen, können die Schweine alles machen, können die Schweine weitermachen: Einsperren, Entlassen, Pfänden, Kinder stehlen, Einschüchtern, Schießen, Herrschen. Die Konflikte auf die Spitze treiben heißt: Daß die nicht mehr können, was die wollen, sondern machen müssen, was wir wollen.

Denen habt ihrs klar zu machen, die von der Ausbeutung der Dritten Welt, vom persischen Öl, Boliviens Bananen, Südafrikas Gold – nichts abkriegen, die keinen Grund haben, sich mit den Ausbeutern zu identifizieren. Die können das kapieren, daß das, was hier jetzt losgeht, in Vietnam, Palästina, Guatemala, in Oakland und Watts, in Kuba und China, in Angola und New York schon losgegangen ist. Die kapieren das, wenn ihr es ihnen erklärt, daß die Baader-Befreiungs-Aktion keine vereinzelte Aktion ist, nie war, nur die erste dieser Art in der BRD ist. Verdammt.

Sitzt nicht auf dem hausdurchsuchten Sofa herum und zählt eure Lieben, wie kleinkarierte Krämerseelen. Baut den richtigen Verteilerapparat auf, laßt die Hosenscheißer liegen, die Rotkohlfresser, die Sozialarbeiter, die sich doch nur anbieten, dies Lumpenpack.

Kriegt raus, wo die Heime sind und die kinderreichen Familien und das Subproletariat und die proletarischen Frauen, die nur darauf warten, den Richtigen in die Fresse zu schlagen. Die werden die Führung übernehmen. Und laßt euch nicht schnappen und lernt von denen, wie man sich nicht schnappen läßt – die verstehen mehr davon als ihr.

Die Klassenkämpfe entfalten. Das Proletariat organisieren.
Mit dem bewaffneten Widerstand beginnen!

DIE ROTE ARMEE AUFBAUEN!

ANEXO B

Cartaz Procura-se, Facção de Exército Vermelho



ANEXO C

Folheto das Brigadas Vermelhas



ANEXO D

Cartaz Procura-se, Acção Directa

MINISTÈRE DE L'INTÉRIEUR
DIRECTION CENTRALE DE LA POLICE JUDICIAIRE

APPEL A TÉMOINS

La Police Judiciaire recherche tous renseignements
(lieux de séjour, relations, activités, . . .)
concernant les quatre membres
d'ACTION DIRECTE



Jean Marc ROUILLAN
35 ans, 1 m 65, corpulence mince, cheveux châtain foncé, yeux marron, visage marqué de multiples cicatrices, crâne dégarni, nez rectiligne.



Georges CIPRIANI
37 ans, 1 m 70, cheveux châtain, yeux marron, corpulence moyenne.



Nathalie MENIGON
30 ans, 1 m 70, corpulence mince, cheveux châtain mi-long et courts, yeux marron clair, teint clair.



Joëlle AUBRON
28 ans, 1 m 68 environ, corpulence mince, yeux couleur vert-jaune, cheveux châtain.

INTERPELLÉS LE 21 Février 1987 à VITRY-AUX-LOGES (Loiret)

Contacter :
La Direction Régionale de Police Judiciaire à PARIS, tél. : 43 54 81 43 - 43 54 13 32.
La Direction Centrale de la Police Judiciaire au Ministère de l'Intérieur à PARIS, tél. : 42 65 10 58.

ANEXO E

**Jornal Clandestino, Ligne Rouge, contendo o manifesto La Flèche et la Cible, Células
Comunistas Combatentes**



ANEXO F

Mural, Grupos Revolucionários Antifascistas Primeiro de Outubro

